



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

HELLEN RODRIGUES BATISTA

**DE UMA PEDAGOGIA LIBERTADORA A CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO SEGURO: A
OFICINA ESCRIVIVÊNCIAS ENQUANTO MATERIALIZAÇÃO DE VOZES
OUTRAS**

Brasília - DF

2023

HELLEN RODRIGUES BATISTA

DE UMA PEDAGOGIA LIBERTADORA A CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO SEGURO: A
OFICINA ESCRIVIVÊNCIAS ENQUANTO MATERIALIZAÇÃO DE VOZES OUTRAS

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais, habilitação em Sociologia, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Sociologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Layla Daniele Pedreira Carvalho.

Brasília - DF

2023

HELLEN RODRIGUES BATISTA

DE UMA PEDAGOGIA LIBERTADORA A CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO SEGURO: A
OFICINA ESCRIVIVÊNCIAS ENQUANTO MATERIALIZAÇÃO DE VOZES OUTRAS

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª Layla Daniele Pedreira Carvalho (Presidenta) - ICS/SOL/UnB.

Prof^º Dr^º Joaze Bernardino Costa (Membro interno) - ICS/SOL/UnB.

Prof^ª Dr^ª. Mirian Cristina dos Santos (Membro externo) - FALED/UNIFESSPA.

Brasília-DF

2023

Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz à outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápido do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca imaginei para nenhuma personagem encarar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que pertencem, na medida em que, às vezes, se (co) fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Estão as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real ou vivido fica comprometido(ou o não comprometido) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas, histórias, continuo no premeditado ato de trançar uma escrevivência.

Conceição Evaristo

“Insubmissas Lágrimas de Mulheres” (2016)

AGRADECIMENTOS

Ofereço este trabalho a todas as mulheres negras que, assim como eu, fizeram de suas escrituras instrumento político. Deixo registrado aqui meu agradecimento a Rosângela Rodrigues Batista, minha mãe, que desde muito cedo me demonstra o poder ancestral das palavras o amor à negritude e a liberdade.

Agradeço a minha amiga irmã-ancestral, Zane do Nascimento, que mesmo em meio a todo caos sempre me motiva a continuar na caminhada em busca da felicidade. Agradeço minha irmã consanguínea, a mais nova, Jéssyca Gabriely Felix Rodrigues, que com seu jeito alegre sempre está mostrando a beleza de nossa negritude e, por último, mas não menos importante minha orientadora, a Prof^a Dr^a Layla Daniele Pedreira Carvalho, que a todo instante se fez presente ao longo desta caminhada.

Deixo também um agradecimento especial ao meu irmão mais velho, Walisson Rodrigues Batista, que dia após dia me ensina sobre a paciência e calma que precisamos ter na vida. Agradeço ao meu irmão Miquéias Rodrigues Batista, por demonstrar a importância de nossa autoestima negra.

RESUMO

O trabalho que segue busca apresentar a *Oficina de Literatura: Escrevivências- Da Perspectiva a Inspiração de Conceição Evaristo* que foi criada e conduzida por duas estudantes de graduação na época de sua execução na Universidade de Brasília (UnB), no segundo semestre de 2018. O texto pretende traçar esta oficina com apoio a um arcabouço teórico bibliográfico a noção de espaço seguro da socióloga afro-americana Patricia Hill Collins e a pedagogia libertadora presente na obra do educador brasileiro Paulo Freire e da educadora afro- americana bell hooks. A pergunta norteadora deste trabalho é a seguinte: a *Oficina Escrevivências*, organizada e implementada por duas estudantes de graduação, criou um espaço seguro no contexto universitário? A pesquisa baseou-se em metodologia qualitativa com revisão bibliográfica, relato de experiência, análise de documentos e duas entrevistas semiestruturadas.

Palavras-chave: Oficina Escrevivências; Espaço Seguro; Pedagogia Libertadora.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 - Registro da participação de Conceição Evaristo na Oficina Escrevivências

Imagens 2 e 3 - Registro de sessão de autógrafos com a escritora Nanda Fer Pimenta

Imagem 4 - Troca de abraço entre participantes da Oficina Escrevivências

Imagem 5 - Participantes em atividade durante a Oficina Escrevivências

Imagem 6 - Card de divulgação da oficina

LISTA DE SIGLAS

BCE - Biblioteca Central

CCN - Centro de Convivência Negra

CEU - Casa do Estudante Universitário

COLINA - Casa do Estudante de Pós Graduação

DAC - Decanato de Assuntos Comunitários

DDS - Diretoria de Desenvolvimento Social

DEAC - Diretoria de Esporte e Atividades Comunitárias

DOCCA - Diretoria de Organização Comunitária Cultura e Arte

EUA - Estados Unidos da América

FCE - Faculdade UnB Ceilândia

FGA - Faculdade UnB Gama

FUP - Faculdade UnB Planaltina

ICS - Instituto de Ciências Sociais

ICC - Instituto Central de Ciências

LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

PNAES - Plano Nacional de Assistência Estudantil

REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

RU - Restaurante Universitário

UnB - Universidade de Brasília

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

Introdução	10
Metodologia: os caminhos da pesquisa	14
Capítulo primeiro - antes do nascimento à feitura da oficina escrevivências	17
A expansão das universidades federais, a assistência estudantil e suas limitações nos regimes de austeridade neoliberal	18
Novos rostos e trajetórias ocupando as universidades públicas federais	20
A assistência estudantil na UnB e as ações da DEAC entre 2017 e 2019	22
A Oficina Escrevivências e o Movimento Negro Educador: Os passos de hoje que repercutem os que vêm de longe	26
Capítulo segundo – Da margem à materialização de vozes outras	39
Outsider within: o olhar de mulheres negras jovens e a proposição de novos fazeres na universidade	39
Pedagogia libertadora	43
Espaço seguro e o rompimento com os estereótipos de estudantes negros	45
Capítulo terceiro - Ler, se ler, se ver , se ouvir e escrever	50
A horizontalidade das trocas - pedagogia libertadora e laços de confiança nos encontros	50
Cartas negras e outras atividades da Oficina Escrevivências: a positivação de narrativas de personagens negros (as): “ir além das nossas possibilidades”	52
Sentir-se acolhida e ganhar a voz	55
Conclusão	57
Referências Bibliográficas	59
Anexos	63
Entrevista Natalina Soledad 02/06/2023	63
Entrevista Shirley Paixão 21/06/2023	65

INTRODUÇÃO

A escrita não é um processo fácil, muito menos parte de uma genialidade nata ou de um sopro de criatividade. Início o texto com esta afirmativa para tentar aqui situar as escrevivências que me atravessam de forma pessoal e coletiva. Em vários momentos de escrita deste trabalho me foi indagado pela minha orientadora e uma irmã que a ancestralidade me presenteou o porquê de não me colocar ao texto? Ou porquê de a autora não se revelar ao seu público leitor?

Confesso que responder a essas questões não me é simples, mesmo sabendo que o trabalho que segue, trata de maneira direta de minha trajetória enquanto estudante universitária e socióloga. Além disso, sei que o modelo positivista cartesiano que vigora em nossas ciências não vê este ato com bons olhos, também, me é sensível tratar de certas questões a um texto acadêmico, mesmo que este não seja vazio de políticas.

As minhas escrevivências não se iniciaram a partir do ingresso na academia. Assim como a escritora Conceição Evaristo, não cresci em uma casa repleta de livros, mas sim de palavras, palavras de mãe, meus irmãos, a vizinhança e, é claro, o bom e velho samba, *Soul*, *Jazz*, *Blues*, *Reggae*, *funk* e *Hip-Hop/Rap*, que apresentaram a mim os ritmos e poesias em seus versos de autoestima e luta a toda uma população negra pobre, desvalorizada e desassistida que está espalhada, ainda hoje, pelas periferias e favelas do Brasil.

Talvez, de tanto ouvir, tenha decidido me autorizar a ir pelo caminho da escrita, algo pouco incentivado e usual a pessoas que partem de uma mesma posicionalidade de gênero, classe e raça que me atravessam. A agência de minha família, sobretudo, minha mãe, uma mulher preta trabalhadora precarizada que sempre priorizou os estudos e a leitura assídua de seus filhos(as). Assim, graças a sua sapiência, sagacidade e destreza, os livros de autores clássicos de nossa literatura como: Lima Barreto, Jorge Amado, Machado de Assis e outros tantos chegaram em minhas mãos ainda na adolescência de maneira “contrabandeada” das bibliotecas das casas que ela limpava. Foi assim que minha mãe Rosângela Rodrigues Batista me inseriu com esperteza ao mundo da leitura e escrita, até então considerada canônica.

Ainda na adolescência, vivendo no Itapoã-DF, uma das Regiões Administrativas mais carentes do Distrito Federal, tive a honra, através de um glossário em um livro didático de língua portuguesa e a Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles,

localizada nas quadras 506/507 da Asa Sul, Plano Piloto, Brasília-DF, de conhecer a obra literária “Quarto de Despejo”, da escritora mineira Carolina Maria de Jesus. A partir desta leitura, algo que transformou toda a minha percepção sobre o universo da palavra escrita e me apresentou, mesmo que ainda não soubesse exatamente dos fundamentos da literatura negro-brasileira, o real significado das escrevivências. Para a escritora Conceição Evaristo (2020, p.30-31), as escrevivências se inserem como um fenômeno diaspórico, “nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade”.

Ter conhecido uma mulher negra escritora que viveu uma realidade tão semelhante a de minha mãe, Rosângela Rodrigues Batista, e a minha em uma favela de São Paulo nos anos 1950/1960, me fez entender ainda mais o qual era projeto de Brasil destinado ao negro(a). Entendo hoje o porquê desse livro nunca ter sido citado por nenhum professor(a) de educação básica durante meu processo formativo. Acredito que a escritora Carolina Maria de Jesus fez crescer ainda mais a chama que tinha aqui dentro e que já havia sido endossada por minha família, ou seja, ser uma pessoa negra crítica e inconformada com o racismo.

Anterior a minha chegada na Universidade de Brasília (UnB), em 2016, a consciência de minha negritude, de classe e gênero já estava impregnada em mim. Enfatizo este ponto para simplesmente dizer que os mais pobres têm sim consciência política e sabem se organizar, à sua maneira, claro, não precisando de certos acadêmicos para dar voz política, mas sim serem ouvidos.

Sendo o ano de 2016 tão emblemático na história recente do país, era impossível com minhas questões e politização anterior não adentrar as discussões políticas presentes na universidade. Ao longo da trajetória acadêmica, participei de ocupações como, por exemplo, do Centro de Convivência Negra (CCN) e do histórico Seminário Internacional: Decolonialidade e Perspectiva Negra, ocorrido no mês de outubro daquele ano no Instituto de Ciências Sociais (ICS), tendo como organizador principal o professor e sociólogo Joaze Bernardino-Costa, do Departamento de Sociologia da UnB. Esses espaços de intercâmbio negro foram aportes intelectuais e de luta para leitura e escrita engajada nas temáticas raciais.

Nesta colcha, tecida por diferentes mãos negras, costurei meu pequeno retalho com a *Oficina de Literatura: Escrevivências- Da Perspectiva a Inspiração de Conceição Evaristo*, da qual

particpei em dois momentos diferentes. Nesta primeira, como participante e na segunda edição intitulada *Oficina Literária: Rasuras no Cânone - em Homenagem a Cristiane Sobral*, comoicineira e articuladora. Embora não tenha estado como condutora oficial na primeira edição da oficina, que é a fonte de pesquisa neste trabalho, particpei de forma ativa dos encontros e atividades.

A decisão de ter esta iniciativa de pesquisa e extensão como escopo de pesquisa no âmbito desta monografia no curso de Sociologia da UnB, faz-se importante por entender como a proposta conduzida, inicialmente, por Zane do Nascimento e Renata Canto, e logo após por mim, apresenta elementos cruciais para o campo da Sociologia, haja vista que a organização e realização da *Oficina Escrevivências* decorre das estratégias da atuação histórica dos movimentos sociais negros e suas relações de gênero, classe e raça tão caras a este campo de estudo na contemporaneidade. Além disso, um projeto que faz a doação simbólica de todos os livros autografados da escritora Conceição Evaristo à Biblioteca Central (BCE/UnB), merece ser documentado para evitar o seu apagamento simbólico pela instituição.

Para nós, da *Oficina Escrevivências*, a doação do acervo de escritoras negras é um devolutiva à Universidade de Brasília (UnB), que oportuniza de maneira livre e gratuita o acesso a toda a comunidade acadêmica, mas principalmente, ao público negro discente. Esta doação também provocou a instituição a reconsiderar o racismo institucional que reflete na rarefeita presença da produção negra. O racismo institucional é o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça (ALMEIDA, 2020, p.37).

Refletir sobre as escrevivências é partir de um entendimento de que esta movimentação é maior que qualquer entendimento acadêmico que se tenta fazer sobre o termo. As escrevivências são a demonstração da espiritualidade existente na palavra escrita, falada, cantada, dançada, encenada por pessoas negras. Uma possibilidade de sair do silêncio para síntese de um grito de libertação e auto-autorização a mulheres negras invisibilizadas em nossa sociedade.

As escrevivências me foram tecidas de maneira a entender que a vaidade e o pretensiosismo acadêmico devem ser abandonados e, assim, caminhar para que uma verdadeira circulação de vozes negras plurais possa acontecer, sem medo de ser, de existir em um mundo que ensina um ódio e auto-ódio a negritude. O amor e o auto-amor à negritude é mais uma das

referências presentes nas escrevivências que faz deste deslocamento uma potencialidade de luta prática, não apenas para garantia da sobrevivência, mas uma existência plena com erros, acertos presentes, como é a complexidade da vida humana.

A Oficina de Literatura: Escrevivências: da Perspectiva a Inspiração de Conceição Evaristo, buscou em toda sua história seguir com essas preposições, inspirando e incentivando estudantes que, como eu, até o momento de sua existência se sentiam isoladas e duvidosas dos seus talentos e produção acadêmica intelectual.

A construção de algo sempre parte de uma indagação pertinente. A esta pesquisa a pergunta central foi: **A Oficina Escrevivências, organizada e implementada por duas estudantes de graduação, criou um espaço seguro no contexto universitário?** No decorrer deste trabalho, esta pergunta busca ser respondida com apoio em uma pesquisa bibliográfica e entrevistas que se entrecruzam a percepção da autora desta monografia sobre a oficina em si. A presença da produção textual criada durante a oficina, na metodologia particular deste projeto, cartas negras e duas entrevistas com participantes dos encontros, também são referências para abordar a questão levantada.

A presente monografia tem como objetivo geral descrever a construção da oficina e dos laços de afetividade na universidade baseados em uma noção de espaço seguro e pedagogia libertadora: o se ver e se escutar e se ler, que se liga a todas estas conjecturas teóricas e práticas, e também se baseia em uma atuação de amor a negritude. Inquietações sobre a importância da garantia de políticas públicas para existência e vida de trabalhos como a *Oficina Escrevivências*, mesmo que brevemente, também há ao bojo da discussão.

Metodologia: os caminhos da pesquisa

Esta pesquisa baseia-se em metodologia qualitativa, uma vez que a abordagem escolhida privilegia “análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais” (MARTINS, 2004). Considerando que o objetivo da pesquisa era produzir um registro aprofundado desde a concepção à realização e aos efeitos da *Oficina Escrevivências*, evento que ocorreu apenas uma vez, técnicas da metodologia quantitativa que buscassem um número elevado de dados e a busca de generalizações a partir dos dados não se aplicaria.

Utilizamos diferentes ferramentas metodológicas disponíveis para a pesquisa qualitativa, que serão descritas na sequência.

A pesquisa e a pesquisadora deste texto se entrecruzam não em uma relação pesquisadora-objeto, ao contrário. Em razão de a *Oficina* aqui descrita relacionar-se de maneira direta a minha caminhada pessoal acadêmica, modificando minha relação com a universidade, decidi que o enquadramento da minha experiência seria uma das fontes do relato presente nesta monografia. Assim, o relato de experiência foi uma das técnicas metodológicas usadas no processo da pesquisa. A literatura aponta que os relatos de experiência “podem ser, por exemplo, oriund[os] de pesquisas, ensino, projetos de extensão universitária, dentre outras” (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021 p.62) . A *Oficina Escrevivências* foi um projeto de extensão na Universidade de Brasília e que interveio diretamente na prática de ensino, mesmo que de forma localizada. O relato de experiência pareceu uma metodologia apropriada a esta pesquisa por dialogar diretamente com novas construções de saberes que se relacionam e se solidificam na leitura e escrita para o desenvolvimento científico (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021).

Além do relato de experiência, a entrevista com outras (os) participantes foi uma das formas escolhidas para coletar dados sobre as experiências das(os) frequentadoras(es) da *Oficina Escrevivências*. Foram realizadas duas entrevistas em profundidade, baseadas em um roteiro de entrevistas semi-estruturado que contava com sete perguntas. As duas interlocutoras entrevistadas participaram da oficina de forma colaborativa e assídua, seus nomes verdadeiros não serão aqui revelados e pseudônimos com o nome dos contos personagens da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo, serão usados, sendo eles: Natalina Soledad e Shirley Paixão.

As entrevistas foram realizadas de forma online pelo aplicativo *Whatsapp* com o meio de vídeo chamada. Essas entrevistas aconteceram nos dias 02 de junho de 2023 e 21 de junho de 2023 e ambas tiveram a duração de 20 minutos. As dificuldades encontradas para realização deste processo foi a ir ao encontro das interlocutoras, pois ambas não estavam em localidade próxima a minha a data das entrevistas. As perguntas eram organizadas para um direcionamento de rememoração das atividades realizadas na oficina e em como elas se sentiam durante a realização destas atividades e ao entendimento se a colaboração com a oficina havia modificado algo em suas trajetórias pessoais. Algumas dessas perguntas foram as seguintes: *Como você se sentiu ao longo das atividades? Essas sensações mudaram ao*

longo do percurso da oficina? Você percebeu, ao participar deste projeto, alguma modificação na sua vida? Poderia dizer qual? Essas duas questões estão aqui postas para uma apresentação do teor do questionário. O questionário está nos anexos deste trabalho.

A escolha da técnica de entrevista se torna lógica a esta pesquisa por ser uma interação social que se fundamenta em um diálogo assimétrico “em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (GIL, 2009,p. 128). Além disso, a entrevista é uma das técnicas mais utilizadas nas Ciências Sociais e Sociologia e é considerada uma das técnicas mais eficazes para obtenção de informações desejadas. (GIL, 2009).

Utilizamos também a pesquisa documental para reconstruir elementos práticos de funcionamento da *Oficina* e da universidade. Os documentos analisados nesta pesquisa foram os editais nº3/2017 da DOCCA e nº 4/ DEAC que asseguram a existência da *Oficina Escrevivências*. O edital da assistência da Assistência Estudantil que explica o que é o programa e sua funcionalidade, também foi analisado. A Constituição Federal com o Art. 205 e a Lei de Diretrizes e Bases com o Art. 2º foram investigados nesta pesquisa. Entendo que a técnica documental não envolve apenas documentos oficiais (GIL, 2009) imagens de arquivo pessoal acrescenta a esta pesquisa com técnica documental em conjunto a análise do relatório produzido pelas oficinairas Zane do Nascimento e Renata Canto, para DOCCA.

Usamos diferentes estratégias para a reconstrução dessa trajetória que acreditamos possa avançar ainda mais no que tange à recuperação dos textos produzidos e das repercussões da participação na *Oficina Escrevivências* nas vivências dentro e fora da universidade.

Esta monografia está organizada em três capítulos. No primeiro, fazemos uma reconstrução da trajetória da *Oficina Escrevivências* desde a sua concepção como parte da política de assistência estudantil e a descontinuidade da iniciativa com as medidas de austeridade tomadas a partir de 2019, desde a perspectiva pedagógica de organização da *Oficina* trazemos referência às escrevivências, complexificação da relação corpo-mente.. No segundo, discutimos os conceitos de *outsider within*, de pedagogia libertadora e espaço seguro e como tais conceitos dialogam com a *Oficina*. No terceiro capítulo fazemos a análise das entrevistas e de pequenas contribuições das cartas negras que estavam passíveis de recuperação.

CAPÍTULO PRIMEIRO

ANTES DO NASCIMENTO À FEITURA DA OFICINA ESCRIVIVÊNCIAS

Em nosso esforço de documentar e analisar a produção de conhecimentos e espaços de convivência de estudantes negras e negros na Universidade de Brasília, apresentamos neste capítulo a estrutura das políticas de Assistência Estudantil que proporcionam a sua realização e como a descontinuidade dessas políticas podem levar a suspensão de projetos como este aqui analisado. Apresentaremos/rei a *Oficina de Literatura: Escrevivências - Da Perspectiva a Inspiração de Conceição Evaristo* desde o contexto de publicação do edital, em 2017 até os encontros realizados ao longo do segundo semestre de 2018, quando os recursos foram liberados.

O foco principal deste trabalho recai sobre a primeira edição da oficina, porém elementos da segunda edição deste trabalho com as literaturas negras, intitulada *Oficina Literária: Rasuras no Cânone - em Homenagem a Cristiane Sobral* (2018-2019) serão em alguns momentos trazidos para reflexão. Assim como a primeira, esta oficina também sofreu com demora na concessão de recursos e o mesmo trabalho anterior aos encontros que fizemos na primeira edição foi repetido nesta segunda fase. Sua aprovação em edital ocorreu em fevereiro de 2019, com a concretização dos encontros no segundo semestre de 2019.

Para tanto, o capítulo está organizado em três seções. Na primeira, discutimos a política de assistência estudantil de maneira abrangente, portanto, recupera-se a importância da garantia da dotação dos recursos orçamentários e dos editais universitários públicos que possibilitaram a permanência e fortalecimento intelectual-artístico dos assistidos (discentes oriundos da política afirmativa de cotas para pessoas pretas, pardas, indígenas, oriundas da escola pública e em vulnerabilidade socioeconômica) por estes programas vigentes nas universidades públicas brasileiras. Na segunda, apresentamos a estrutura de funcionamento do edital em que a *Oficina de Literatura: Escrevivências- Da Perspectiva a Inspiração de Conceição Evaristo* foi aprovada. Na terceira, descrevemos a *Oficina de Literatura: Escrevivências- Da Perspectiva a Inspiração de Conceição Evaristo* e a sua concepção político-pedagógica que se orientou pelas escrevivências, como o título indica, e buscou realizar, por meio de desobediência antirracista, um giro-epistemológico durante e para além de seus encontros.

A expansão das universidades federais, a assistência estudantil e suas limitações nos regimes de austeridade neoliberal

O Plano Nacional de Assistência Estudantil se consolida em um momento de expansão universitária no Brasil, que se estendeu por volta de 2010 até 2014, momento este em que houve um maior número de matrículas de pessoas oriundas das classes populares baixas. Desde os anos de 1930 existem ferramentas assistencialistas nas universidades como os programas de alimentação e moradia (IMPERATORI, 2017), porém, a institucionalização do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) por meio do Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010, demarca o dever do Estado para com o cumprimento do direito à educação previsto no seguinte artigo da Constituição Federal:

Art. 205 CF. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Continuando nesta lógica, a Lei de Diretrizes e base (LDB) em seu artigo segundo estabelece que:

Art. 2º LDB. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A implementação do PNAES garante minimamente o cumprimento das funções determinadas por estes dos artigos uma vez que ele tem por finalidade “ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal” (BRASIL, 2010). A existência do PNAES, não ocorreu de maneira branda e fácil, mas sim por lutas e disputas políticas encabeçadas principalmente pelos movimentos sociais e educadores das instituições públicas brasileiras (IMPERATORI, 2017). A estrutura do PNAES define a necessidade de articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

Os recursos destinados à *Oficina de Literatura: Escrevivências- Da Perspectiva a Inspiração de Conceição Evaristo* e outras propostas que concorreram ao mesmo edital vieram do PNAES. Os recursos do PNAES são destinados exclusivamente à permanência digna de

estudantes vulneráveis existentes nas instituições federais, oferecendo assistência à moradia estudantil, alimentação, transporte, à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico. As ações são executadas pela própria instituição de ensino, que deve acompanhar e avaliar o desenvolvimento do programa (BRASIL, 2010).

A garantia de recursos para atividades como a que será descrita a seguir se torna pedra angular para um acesso de oportunidades menos desiguais ao mundo acadêmico universitário. Além disso, a destinação de verbas a estas propostas com foco em grupo específico como os estudantes da assistência estudantil desperta a criatividade, retoma e aprofunda temas e debates às vezes ignorados pela agenda acadêmica universitária. A importância da destinação de recursos que sejam exclusivamente injetados aos programas de assistência é completamente antagônica ao projeto neoliberal presente na educação brasileira atual.

Os avanços neoliberais em nossa educação não são nada recentes e muito menos lineares e homogêneos. Nos últimos 32 anos percebemos e sentimos esses avanços por diferentes graus e intensidades conforme os governos a comandar o país (LUSA; MARTINELLI; MORAES; ALMEIDA, 2019).

A aprovação da emenda constitucional nº 95/2016 limita os gastos públicos por 20 anos, incluindo aqueles voltados para a educação. De acordo com Lusa, Martinelli, Moraes e Almeida, (2019) a aprovação desta emenda constitucional compromete as universidades públicas federais da seguinte forma:

Para as universidades públicas, a EC nº 95/2016 (BRASIL, 2016b) é a que mais produz efeitos deletérios, comprometendo seriamente a concepção da educação superior como direito constitucional e dever do Estado, pois, através da limitação orçamentária, ela afeta diretamente a autonomia universitária, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o desenvolvimento de pesquisas e de produção de conhecimento socialmente referenciada, o financiamento para ciência e tecnologia (C&T), o desenvolvimento da pós-graduação, a assistência estudantil e todos investimentos para o acesso e a permanência nas universidades, a educação permanente do quadro de servidores das universidades, entre outros (LUSA; MARTINELLI; MORAES; ALMEIDA, 2019, p.541).

Em um momento de expansão do ensino superior público por meio de programas como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e das políticas de Ações Afirmativas que são asseguradas pela Lei 12.771/2012, a aprovação de propostas como a do Teto de Gastos retarda todo um mínimo de avanços recentes construídos no Brasil, pois em uma sociedade com desigualdades sociais abissais

como a brasileira, minando a esperança de possíveis mudanças sociais. Além disso, sabendo que historicamente a população negra se encontra na base de nossa sociedade, a continuidade de tal projeto apenas assevera o racismo existente em nosso país. Souza (2022) argumenta que o racismo está intrinsecamente ligado ao capitalismo brasileiro, dado que:

O racismo se transformou numa força social e numa das estruturas da sociedade brasileira, devido à sua operacionalidade para o capitalismo brasileiro, por favorecer o processo de dominação e acumulação de capital da burguesia (DE SOUZA, 2022, p. 202).

Seguindo esta perspectiva, é válido lembrar que um projeto econômico de desenvolvimento corresponde aos anseios político-ideológicos de uma nação. O jurista e atual ministro dos Direitos Humanos e Cidadania, Sílvio de Almeida (2019), fortalece esta noção pelo seguinte ponto:

Projetos nacionais de desenvolvimento são, sobretudo, projetos políticos, que se voltam à constituição de um novo imaginário social, de uma identidade cultural mobilizada em torno das exigências sociopolíticas da industrialização, formação de mercado interno e defesa nacional (ALMEIDA, 2019, p.191).

Buscando retirar o viés político envolvido a um projeto de sociedade em que a austeridade fiscal é guia, e austeridade seria o corte de fontes de financiamento destinadas aos direitos sociais para garantia da existência forte do mercado financeiro (ALMEIDA, 2019), se utiliza de um vocabulário em que as decisões de privatizações, precarização do trabalho e desregulamentação de setores da economia são medidas de responsabilidade fiscal e decisões técnicas.

Novos rostos e trajetórias ocupando as universidades públicas federais

Contrário a esta alavancada neoliberal, a educação brasileira em um espaço tempo recente presenciou uma diversidade nas salas de aula universitárias públicas federais, esta diversidade é possível principalmente por conta dos programas de ações afirmativas que nos últimos 10 anos vêm assegurando o acesso de pessoas negras e indígenas ao ensino superior. Em algumas universidades como a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e, no âmbito federal, Universidade de Brasília (UnB), este movimento perdura por cerca de duas décadas.

A entrada de pessoas com outras percepções de mundo, vivências, saberes e expectativas sobre o ensino superior impôs ao corpo docente e gestor de nossas universidades inúmeros desafios. O principal deles é a garantia de uma permanência que possibilite ao estudante aproveitar as muitas oportunidades existentes a este espaço que não se restringe ao ambiente de sala de aula.

Sendo o meio acadêmico um mundo completamente novo a quem sai do ensino médio, para um(a) estudante oriundo/a dos estratos populares mais baixos, este novo mundo é ainda mais complexo e perverso pelo não domínio do léxico universitário burguês. Sendo estudante de primeira geração a ter aproximação com o ensino superior, o aprendizado de coisas consideradas simples como leitura e escrita aos moldes acadêmicos é quase sempre feita de maneira autodidata, já que as instituições ainda pressupõem que se repete a presença de herdeiros da elite acadêmica e econômica que seguem ocupando esses espaços.

Estudante de primeira geração pode ser definido como aquele "cujos pais não têm nenhum tipo de Educação Superior ou têm algum nível educacional inferior ao de Educação Superior" (REDFORD e HOYER, *apud* MOROSINI, M.; FELICETTI, V. A, 2019, p. 106). Além da responsabilidade, compromisso e carga emocional em ser os(as) primeiros(as) de seus arranjos familiares a adentrar em uma universidade, muitos destes discentes carregam consigo uma dupla jornada: a de trabalhador(a) e a de estudante, algo que dificulta seu desenvolvimento pessoal e reconhecimento de pertencimento a este ambiente universitário.

A exigência em excelência imposta a estes grupos junto a um sentimento de exclusão, misturado a uma sensação de não lugar no meio acadêmico gera um ambiente de ensino e aprendizagem altamente adoecedor, algo que representa bem a dinâmica universitária que se norteia pelo produtivismo, pressões e desempenho individualizado (LEÃO; IANNI;GOTO, 2019).

Diante de todas estas questões, formas concretas de resistência são articuladas e criadas por estes grupos. Esta resistência é visível em reivindicações de ementas que correspondam sobre uma maior amplitude de mundo e experiências, ocupação dos institutos de ensino/pesquisa e um melhor preparo docente para lidar com tais demandas. Ela também é visível em experiências como a proporcionada por ações institucionais como o Programa de Oficinas Comunitárias de Arte e Cultura, que reconheceram a atuação desses novos grupos e a relevância de suas vozes.

A assistência estudantil na UnB e as ações da DEAC entre 2017 e 2019

A Diretoria de Esportes e Atividades Comunitárias (DEAC¹), do Decanato de Assuntos Comunitários(DAC), é um órgão da Universidade de Brasília(UnB) “criada para planejar, coordenar, divulgar, controlar e avaliar os programas e projetos comunitários com objetivo de executar uma política artística e cultural no âmbito da UnB” (BRASIL, 2023). Uma das orientações seguidas pela DEAC é a de:

Apoiar as iniciativas dos estudantes promovidas por Centros Acadêmicos (CAs) e o Diretório Central dos Estudantes (DCE), tanto nos campi quanto fora do DF, por entender que a experiência universitária deve extrapolar os limites dos créditos acadêmicos e de que o engajamento em atividades de representatividade estudantil pode contribuir para a formação cidadã e cultural dos discentes (DEAC, 2023).

Além dos pontos apresentados, esta Diretoria tem como desígnio resguardar a integração universitária através do esporte, cultura e lazer. Esta tarefa é viável por meio de atividades de diferentes modalidades e gêneros guiadas por estudantes, docentes e trabalhadoras/es técnicas/os. A DEAC está aberta durante todo ano letivo com editais diversos para promoção de suas proposições que visam o bem estar comunitário aos presentes na Universidade.

Os editais propostos pela DEAC e aqui descritos eram exclusivamente direcionados aos estudantes oriundos dos Programas de Assistência Estudantil existentes na universidade, conciliando assim as políticas de Assistência Estudantil, que tem como argumento principal, a ampliação de condições justas para acesso e permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade social (BRASIL, 2023), à produção de ações extensão universitária.

¹Quando a Oficina de Literatura: Escrevivências- Da Perspectiva a Inspiração de Conceição Evaristo, pleiteou seu primeiro edital a diretoria responsável era Diretoria de Organizações Comunitárias Cultura e Arte- UnB que em 2019 passou a ser oficializada institucionalmente como DEAC.

As Políticas de Assistência Estudantil², presentes na Universidade de Brasília(UnB) , são geridas pela Diretoria de Desenvolvimento Social (DDS³), que é responsável por fiscalizar e assessorar o Decanato de Assuntos Comunitários(DAC) no “planejamento, implantação, operacionalização e monitoramento dos programas, projetos e ações da Política de Assistência Estudantil desenvolvidas na Universidade de Brasília (UnB) em todos os seus quatro *campi*” (BRASIL, 2023). A funcionalidade e responsabilização institucional da DDS foi estabelecida pelo Ato da Reitoria nº 429/1994. O objetivo central da DDS é promover o direito à Assistência Estudantil e que mediante a este instrumento o(a) beneficiário dos programas tenha sua cidadania respeitada e isso é “possível por intermédio de programas, projetos e ações de incentivo à permanência e conclusão do ensino superior” (BRASIL, 2023).

Com o propósito de atender a um público discente em situação de vulnerabilidade socioeconômica desde o nível de graduação a pós-graduação, editais são abertos semestralmente. O sistema de avaliação consiste na averiguação de documentos pessoais/familiares e entrevistas com assistentes sociais para análise da situação de desamparo do(a) estudante. Após todo um trâmite burocrático avaliativo, aqueles aprovados podem pleitear vagas na Casa do Estudante Universitário (CEU), Casa do Estudante de Pós-Graduação(Colina) ou auxílio moradia em pecúnia, auxílio transporte, auxílio alimentação, auxílio socioeconômico e outros programas de assistência oferecidos pela universidade. A alimentação é garantida pelo acesso gratuito integral ao Restaurante Universitário (RU) a todos(as) estudantes beneficiários de qualquer programa da Assistência Estudantil. O auxílio alimentação é assegurado desde o primeiro dia de aula ao estudante que adentrou a universidade por cotas de baixa renda.

Tendo como uma das metas reparar as desigualdades sociais presentes no corpo discente, o edital do Programa de Oficinas Comunitárias de Arte e Cultura promoveu a ministração de cursos de curta duração com destaque a arte e cultura com prioridade protagonista de discentes provenientes da Assistência Estudantil. Os editais do Programa de Oficinas Comunitárias de Arte e Cultura evidenciam o interesse da DEAC e da DDS de tornarem os

²A DEAC está aberta durante todo ano letivo com editais diversos para promoção de suas proposições que visam o bem estar comunitário aos presentes na Universidade. As Políticas de Assistência Estudantil, presentes na Universidade de Brasília(UnB) , são geridas pela Diretoria de Desenvolvimento Social

Disponível em: <<https://www.unb.br/servicos-assistencia-estudantil>>

³A Diretoria de Desenvolvimento Social (DDS#), que é responsável por fiscalizar e assessorar o Decanato de Assuntos Comunitários(DAC) no “planejamento, implantação, operacionalização e monitoramento dos programas, projetos e ações da Política Disponível em: <<https://dds.dac.unb.br/institucional/a-unidade>>

estudantes beneficiários destas políticas executores(as) principais de suas próprias ideias criativas.

Entre os anos de 2017 a 2019, com o poder legal de suas atribuições, a então Diretoria de Organizações Comunitárias Cultura e Arte- UnB (DOCCA), hoje DEAC, publicou o edital para o Programa de Oficinas Comunitárias de Arte e Cultura para os campi da UnB. O Edital N°3/2017⁴ orientou o processo seletivo que buscava selecionar propostas para a conclusão do seguinte propósito:

A realização de oficinas comunitárias de arte e cultura a serem ministradas por discentes da UnB, destinadas à comunidade acadêmica, com foco na integração social, no desenvolvimento artístico cultural e na promoção da qualidade de vida nos 04 (quatro) campi da Universidade: Darcy Ribeiro (Plano Piloto), Faculdade UnB – Ceilândia (FCE), Faculdade UnB – Gama (FGA) e Faculdade UnB – Planaltina (FUP) (EDITAL N°03/2017).

Entre 2017 e 2019, os editais do Programa de Oficinas Comunitárias de Arte e Cultura contemplaram um total de 24 oficinas comunitárias gratuitas, 12 em 2017/18 e 12 em 2019. Destinadas às pessoas da própria comunidade acadêmica e membros externos, mas com direcionamento prioritário aos estudantes da assistência estudantil. Os eixos temáticos eram: teatro; música; dança; artes visuais e gráficas; saúde e qualidade de vida; manifestações circenses; cultura popular e manifestações tradicionais; artesanato; literatura; moda; audiovisual. O Quadro 1 apresenta as propostas aprovadas em ambos os editais:

Quadro 1 - Projetos aprovados nos editais do Programa de Oficinas Comunitárias de Arte e Cultura (2017-2019)

Ano	Título do projeto	Campus
2017	Negro SUS	UnB Ceilândia-FCE
2017	Manifestações Tradicionais-Kilombismo como Libertação Mental e Luta Anticolonial	Darcy Ribeiro
2017	Oficina de Consciência Corporal e Expressividade	Darcy Ribeiro

⁴Disponível em: <http://docca.unb.br/images/Editais/2017/Oficinas_Comunitarias/Edital-03_2017-Oficinas-Comunitarias.pdf>

2017	Stencil-Pintado e Dialogando com a Técnica do Estêncil	UnB Planaltina- FUP
2017	Empoderamento Vouguin Como Arte de Libertação	Darcy Ribeiro
2017	Oficina de Percussão	Darcy Ribeiro
2017	Ritmos e Cantos Tradicionais Populares Brasileiros	Darcy Ribeiro
2017	Oficina de Literatura: Escrevivências-Da Perspectiva à Inspiração de Conceição Evaristo	UnB Planaltina-FUP
2017	Libras Básico	Darcy Ribeiro
2017	Teoria Prática do Fanzine- Oficina de Zine	Darcy Ribeiro
2017	Music Vibrations	UnB Ceilândia-FCE
2017	Discutindo Questão de Gênero Através da Arte	Campus Darcy Ribeiro
2018	Aula de Libras	Campus Darcy Ribeiro
2018	Bikenic	Casa do Estudante Universitário CEU- Darcy Ribeiro
2018	Cuidar-se: Como Integrar Prática de Autocuidado ao Nosso dia-a dia	Darcy Ribeiro
2018	Cultura e Diversidade Negra em nossa	Darcy Ribeiro

	Universidade	
2018	Discutindo Feminismo e Violência de Gênero Através do Cinema	Darcy Ribeiro
2018	Liceu de Escrevivências	Casa do Estudante Universitário CEU- Darcy Ribeiro
2018	Mulheres na Ciência	UnB Ceilândia-FCE
2018	Nossa Horta	Casa do Estudante Universitário-CEU
2018	Oficina de Literatura Rasuras no Cânone em Homenagem a Cristiane Sobral	Darcy Ribeiro
2018	Crochê na UnB-Oficina Básica de Crochê	Darcy Ribeiro
2018	Raízes do Brasil- manifestações Tradicionais: Maculelê, Jongo e Samba de Roda	Darcy Ribeiro
2018	Sobreviceu	Casa do Estudante Universitário CEU- Darcy Ribeiro

Fonte: Site DEAC. Elaboração da autora.

O Quadro acima apresenta a diversidade de projetos voltados à temática racial e de gênero apresentados, embora o edital não estivesse centrado nessas temáticas. Estando as oficinas aprovadas presentes em quase todos os campi da Universidade de Brasília (UnB), sobretudo na sua primeira versão. Já em seu segundo instante há uma centralidade maior no campus Darcy Ribeiro, com destaque para a Casa de Estudante Universitário-CEU. Outra informação é que em nenhuma das duas edições o campus UnB Gama- FGA recebeu propostas de oficinas.

Os recursos destinados para financiamento, execução e manutenção do edital proposto vieram do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Os estudantes proponentes recebiam bolsas no valor de quatrocentos reais mensais e os projetos recebiam uma quantia de mil reais por semestre, voltados a compra de materiais para viabilizar a sua realização. Os projetos foram realizados em todos os *campi* da UnB: *campus* Darcy Ribeiro (Plano Piloto), *campus* Ceilândia (FCE) e *campus* de Planaltina (FUP).

A Oficina Escrevivências e o Movimento Negro Educador: Os passos de hoje que repercutem os que vêm de longe

Nos editais de 2017 e 2018, foram aprovadas e realizadas duas oficinas literárias inspiradas na obra de mulheres negras, professoras e contemporâneas. Ao longo de suas duas edições as oficinas contaram com a participação de estudantes da Universidade de Brasília, que estavam em diferentes níveis de formação, desde a graduação até o doutorado. Trabalhando com um modelo de partilha de conhecimento em sua primeira leva, as oficinas contaram com a presença de sete convidadas entre palestrantes eicineiras que influenciaram na produção de textos autorais, entre cartas negras, poemas e outras formas de expressão.

A primeira edição foi nomeada *Oficina de Literatura: Escrevivências- Da Perspectiva a Inspiração de Conceição Evaristo* e aconteceu em 2018. A segunda intitulou-se *Oficina Literária: Rasuras no Cânone em Homenagem a Cristiane Sobral*, tendo sido realizada em 2019. Conceição Evaristo, escritora e professora aposentada da educação básica pelo estado do Rio de Janeiro, tendo sido reconhecida como escritora tardiamente, já com 70 anos, fato que ela atribui ao fato de ser uma mulher negra. Cristiane Sobral é também professora de educação básica pelo Distrito Federal, escritora e atriz. Nesta monografia abordaremos apenas a primeira edição da *Oficina*⁵, conforme exposto anteriormente.

De acordo com o relatório apresentado para o DOCCA (Diretoria de Organizações Comunitárias, Cultura e Arte) hoje DEAC, a ideia para a criação de uma oficina partiu do arcabouço da produção literária negro-feminina (SANTOS, 2018), surgida logo após o

⁵ Embora as duas edições da oficina tenham feito um trabalho exímio na Universidade de Brasília e fora dela a escolha em analisar a primeira edição nesta monografia é por conta de todo o ineditismo apresentado a universidade ao primeiro momento da oficina.

processo de ocupações estudantis⁶ que marcaram a recente história da UnB. Entre essas ocupações, destacamos a ocupação do Diretório Negro - Quilombo:

A ocupação do Quilombo UnB surge em meio a um momento político inflamado e hostil. Os movimentos sociais da universidade estão engajados em uma disputa política com o Governo Federal do Brasil, por conta de uma série de decisões políticas institucionais que vão de encontro com as pautas sociais. Entre essas medidas se destacam a PEC 241/55 que trata dos congelamentos de gastos públicos sociais por vinte anos a MP Reforma do Ensino Médio que desobriga o Estado a ofertar disciplinas como sociologia, filosofia, artes e educação física do ensino médio e a Lei Escola Sem Partido que limita as professoras e professoras da educação básica em relação às questões políticas (MENDES, 2019).

O Diretório Negro - Quilombo se diferenciava das demais movimentações políticas de ocupações por pautar a criação do primeiro Diretório Negro da Universidade de Brasília. A criação desta entidade estudantil independente visava resguardar as questões raciais, como as cotas raciais e epistemológicas, a permanência estudantil negra, saúde mental e outras demandas com fundamentos raciais (MENDES, 2019). O Diretório Negro - Quilombo funcionava no Instituto Central de Ciências Norte (ICC Norte), na sala ICC BT 620, e contava com a presença de estudantes negros(as) de diversos cursos, funcionou entre 2016 a meados de 2020. Infelizmente o Diretório Negro - Quilombo não se faz presente a UnB na atualidade. A pandemia da COVID-19 (2020-2021) e a atuação da atual reitoria fez por acabar o espaço político do Diretório Negro - Quilombo. Durante sua breve existência este local recebeu figuras notórias como Patrícia Hill Collins, Conceição Evaristo, Leandro Santos Bulhões de Jesus, Carl Hart e Edileuza Penha, seja em palestras, cursos e aulas ligados à temática racial.

Tendo este momento de referência e espaço tempo para seu surgimento, que é dos fios condutores para a sua sustentação, a *Oficina de Literatura: Escrevivências- Da Perspectiva a Inspiração de Conceição Evaristo*, doravante conhecida como *Oficina Escrevivências*, se junta a este legado mobilizatório político para formação de uma panaceia intelectual negra existente na UnB e sua comunidade externa. Neste contexto histórico social e político, a *Oficina Escrevivências* se arquiteta inspirada pelo processo de ocupação do primeiro Diretório Negro-Quilombo da UnB.

⁶Ocorridas nos anos de 2016 e 2018, as ocupações estudantis foram feitas em várias partes do país, sendo um instrumento de reação e luta contra a agenda de governo do então presidente Michel Temer e outras questões aqui apresentadas. Este movimento se iniciou com os estudantes secundaristas e chegou às universidades como a UnB por meio de assembleia estudantil realizada pelo DCE.

A necessidade de criação desta *Oficina* se liga diretamente às circunstâncias apresentadas anteriormente e por uma observação de suas fundadoras de uma pouca leitura das obras de Conceição Evaristo e outras escritoras negras nacionais e estrangeiras. Em entrevista concedida ao canal de informação UnB Notícias, no ano de 2018, Zane do Nascimento afirma:

Ela é uma autora muito importante, mas pouco lida entre a gente, então achei que era uma forma de torná-la lida, sobretudo entre os estudantes negros, mas também entre todos os estudantes da graduação”, explica Rosânia. A oficina é uma forma de conjugar ações que vêm acontecendo pelo Distrito Federal e Entorno, de mulheres que se reúnem para pensar cadernos literários e também suas produções a partir da literatura da Conceição Evaristo. “Eu estou com expectativas muito boas porque já conseguimos comprar a obra toda com o recurso e já fechamos a programação com as convidadas, que são pesquisadoras ou mulheres que escrevem na perspectiva de *Escrevivências*” (UnB NOTÍCIAS, 2018).

O argumento exposto pela coordenadora da *Oficina Escrevivências* evidencia um problema ainda presente em nossa educação superior brasileira que é o epistemicídio, resultado do acesso desigual à educação superior em nosso país. Para a filósofa Sueli Carneiro (2023):

Quando o que está em jogo é assegurar privilégios e uma estrutura racial hierarquizada segundo parâmetros raciais e de classe, o controle do acesso à educação é importantíssimo, uma vez que ela é parte do conjunto de oportunidades sociais que pode levar a equidade e justiça (CARNEIRO, 2023, p.106).

Tendo a noção de como tal projeto educacional se articula perfeitamente para um apagamento da contribuição negra na construção e formação do Brasil, é importante entender que há uma invisibilização negra na educação e cotidiano que se articula de maneira complexa, mas eficaz, como reflete Sueli Carneiro (2023):

O epistemicídio se realiza através de múltiplas ações se articulam e se retroalimentam, relacionando-se tanto com o acesso e/ou a permanência no sistema educacional, como com o rebaixamento da capacidade cognitiva do alunado negro. A exclusão racial via controle do acesso, sucesso e da permanência no sistema de educação manifesta-se de forma que, a cada momento de democratização do acesso à educação, o dispositivo de racialidade se rearticula e produz deslocamentos que atualizam a exclusão racial (CARNEIRO, 2023, p. 109).

A manifestação do viés racista presente nas instituições educacionais não é algo casual e para haver o fim da exclusão deste projeto educacional é necessário uma educação pautada em uma desobediência antirracista. A desobediência antirracista consiste em uma práxis e pensamento que se norteiam por uma positividade da produção intelectual, cultural material e imaterial negra de maneira crítica. Esta conceitualização se liga à *Oficina Escrevivências* por ela fazer jus ao seu propositivo de apropriação de uma intelectualidade negra positiva

política, como está presente no relatório: “ao final deste projeto, pretendemos desenvolver conjuntamente com nossas/os participantes, a confecção de cadernos literários, pois nosso objetivo é pensar uma construção coletiva, [a] qual potencialize a poética das escrituras das/os participantes” (NASCIMENTO e CANTO, 2018, s/p).

A iniciativa de doação dos livros autografados de Conceição Evaristo para Biblioteca Central (BCE-UnB) também é um exemplo dessa desobediência antirracista na medida em que após um levantamento bibliográfico minucioso feito pelas oficinairas foi constatado a ausência de sua obra entre os livros disponíveis na BCE. Não é exagero ressaltar que a ausência das obras de uma literária negra com grande relevância contemporânea representa o racismo epistêmico ainda presente em nossas universidades, mesmo esta universidade sendo uma das primeiras a adotar o sistema de cotas.

Imagem 1 - Registro da participação de Conceição Evaristo na Oficina Escrivências



Fonte: Relatório de Atividades apresentado ao DOOCA (atual DEAC) em dezembro de 2018. Autoria desconhecida.

A primeira edição da *Oficina Escrevivências* foi realizada no *campus* de Planaltina⁷ (FUP), às sextas-feiras, das 9h às 12h, com a coordenação de Renata do Canto, à época graduanda em Arquitetura e Urbanismo, e Zane do Nascimento, à época mestranda do curso de Antropologia e graduanda em Estudos Latino-Americanos, ambas baianas, e também alunas oriundas dos programas de assistência estudantil, sobretudo da Moradia Estudantil.

Foram realizados oito encontros presenciais de setembro a novembro de 2018⁸, em que a vida e obra da escritora Conceição Evaristo eram os elementos de condução das atividades, junto a debates do que seria o termo *escrevivências* com co-interface a uma produção literária negro-feminina. As discussões sugeridas e as metodologias realizadas fizeram por engendrar um ambiente de trocas de laços afetivos de auto-entendimento, escuta e auto-percepção, diferente do que se vivencia normalmente nas salas de aula da UnB.

Os encontros realizados foram assim relatados pelas coordenadoras no documento apresentado ao final do ano de 2018:

Quadro 2 - Descrição dos encontros realizados na Oficina

Data de realização	Temas e atividades realizadas	Textos discutidos	Convidadas
1º Encontro 21/09/2018	Apresentação da ementa e proposta da oficina. Apresentação da vida e trajetória da autora Conceição Evaristo, apresentação das obras, História dos Cadernos Negros, História das Cartas Negras, Discussão e apresentação do	“Conceição Evaristo por Conceição Evaristo”	Oficineiras conduziram as atividades de maneira integral.

⁷ A primeira Oficina tinha como um de seus pressupostos um caráter descentralizador, por esta razão foi realizada em Planaltina, além disso como havia uma integração entre os *campi* pelo transporte universitário denominado *intra-campi* entendamos que a dificuldade de mobilidade era “facilitada”. Com o fim do “*intra-campi*” e por pedido popular, a segunda edição foi realizada no CAMPUS Darcy Ribeiro no núcleo de dança.

⁸ A Oficina nasceu no ano de 2017 após vencer um proposta de edital, porém somente após um ano de homologação a verba foi liberada para produção das atividades.

	conceito “Escrevivências”		
2º Encontro 28/09/2018	Atividade sobre memórias e afetos: lugares e lembranças. Cada participante deveria colocar no papel o nome de um lugar que remetesse a alguma lembrança de apelo emocional.	Becos da Memória Trajetória de vida da autora Conceição Evaristo, Contexto social do romance Becos da Memória, análise dos sentimentos e dramas de cada personagem da história e sua relação com a vida de Conceição Evaristo, relação da pobreza e do afeto nos corpos negros e femininos. Texto de apoio: “Da construção de Becos”. In: Evaristo, Conceição. Becos da Memória. Rio de Janeiro, 2017, pp. 9-12.	Calila das Mercês
3º Encontro 05/10/2018	Vídeo “O ponto de partida da escrita”. link: https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno&t=17s In: Ocupação Conceição Evaristo, Itaú Cultural (2017) Proposta da escrita de cartas para um dos personagens da história dos contos lidos e discutidos na oficina. Foram separados 3 grupos e cada um tinha a função de escrever uma carta para cada personagem.	Textos de apoio: Leitura do conto “Di Lixão”. In: Evaristo, Conceição. Olhos D’ água . Rio de Janeiro-RJ Pallas, 2016, pp. 77-80. Leitura do conto “Os guris de Dolores Feliciano”. In: Evaristo, Conceição. Histórias de Leves Enganos e Parecenças . 3ª edição revisada. Rio de Janeiro-RJ: Editora Malê, 2017, pp. 45-48.	Oficineiras conduziram as atividades de maneira integral.
4º Encontro 19/10/2018	Proposta de escrever uma carta para si mesmo, de modo livre como método de avaliação por autoconhecimento.	Exercício de Relaxamento e Autoconhecimento	Nanda Fer Pimenta

	Processos e técnicas de escrita criativa		
5° Encontro 26/10/2018	Proposta de atividade de produção poética para o grupo com tema livre.	Oficina de escrita e Literatura Negra Discussão sobre o negro nos espaços de poder A autoestima do povo negro e luta pela sobrevivência nos espaços acadêmicos Leitura e interpretação de Obras da autora Cristiane Sobral e Conceição Evaristo	Cristiane Sobral, Cinthia e Vitor Hugo Leite
6° Encontro 09/11/2018	Discussão sobre o termo “Escrevivências”, contexto de escrita de Conceição Evaristo, suas referências e trajetória de vida.	Leitura e discussão da Obra “ Olhos d’água ” com destaque para o conto “ A gente combinamos de não morrer ”	Oficineiras conduziram as atividades de maneira integral.
7° Encontro 16/11/2018	Discussão sobre “ Afeto e autocuidado a partir da obra de Conceição Evaristo”	Apresentação do projeto "Kuraluka: o autocuidado entre mulheres negras"	Emily Almeida
8° Encontro 23/11/2018	As escrevivências na Obra de Carolina Maria de Jesus por Naiala Amorim Sorteio das Obras de Conceição Evaristo e Cristiane Sobral Encerramento	Obras e trajetórias de Carolina Maria de Jesus	Naila Amorim

Fonte: Dados presentes no relatório de atividades da Oficina de Literatura - “Escrevivências: da inspiração à produção na perspectiva de Conceição Evaristo”. Elaboração da autora.

O Quadro 2 nos permite visualizar que as atividades propostas ao longo da *Oficina* possibilitaram uma leitura e discussão concisa da vida e obra da escritora Conceição Evaristo, além de uma variedade de propostas pedagógicas criadas pelasicineiras com apoio das convidadas em que temas ligados à literatura, presença e representatividade negra e feminina se faz necessária de ser debatida e em como isso possibilita um ambiente profícuo para os debates expostos no quadro acima.

Imagens 2 e 3 - Registro de sessão de autógrafos com a escritora Nanda Fer Pimenta



Fonte: Acervo pessoal da autora. Autoria desconhecida.

A *Oficina Escrevivências* estava ancorada em uma proposta educacional libertadora com base nos trabalhos de Paulo Freire e bell hooks. Para Freire (2015) uma pedagogia libertadora seria um ensino que não se baseia em um conteudismo de transferência educador/educando e muito menos vinculado a uma educação bancária, mas sim um diálogo entre ambos em que a realidade do educador seja um aporte para o ensino.

A educadora afro-estadunidense bell hooks⁹, que faz eco a esta definição e é uma das maiores tributárias da obra freiriana, discorre sobre tal conceito em praticamente em toda sua obra, assim como seu mentor, porém, os trabalhos que melhor definem esta conceitualização são: *Pedagogia do Oprimido*, do educador brasileiro Paulo Freire (2015) e *Ensinando a*

⁹bell hooks é pseudônimo de Gloria Jean Watkins. Tal pseudônimo, que é o nome de sua bisavó materna, era grafada de forma minúscula e bell hooks explica que a definição deste nome não se deu por mera homenagem, mas por achar e acreditar que soava forte como bem apresenta em sua obra “Erguer a voz” (hooks, 2018). Em respeito à sua escolha em vida, seu pseudônimo permanece minúsculo.

Transgredir: a educação como prática de liberdade, da educadora afro-estadunidense bell hooks (2019).

Outro elemento teórico-metodológico fundamental da proposta são as *escrevivências*. O termo é um desenvolvido pela escritora mineira Conceição Evaristo. Em seu romance intitulado *Becos da Memória* (2018), a escritora apresenta esta nomenclatura como algo produzido por mulheres negras, independente da identidade de gênero, sexualidade e classe. Entendendo que as *Escrevivências* não se encerram assim, Evaristo nos atualiza sobre o tema em sua mais recente obra *Canção para Ninar Menino Grande* (2022) em que o entendimento deste termo se complementa ao já discorrido pela escritora, se lançando da seguinte forma:

“Se contar e recontar são atos marcados por sinais de incompletude, pois é difícil traduzir os intensos sentidos da memória, imaginem escrever. Imaginem perseguir uma *escrevivência*. Agarrar a vida, a existência, e escrevê-la em seu estado de acontecimentos. Mas persisto nessa intenção. Só falarei do brilho das estrelas, das árvores frondosas que habitam determinada esquina e debulharei as palavras, da sua raiz até as suas derivações, se tudo me ver agarrado à vida. Nem precisa ser só a minha vida, pois me é fundamental a vida das pessoas em meu entorno. Das pessoas, em particular da minha gente, das que estão aqui e agora, das resguardadas tanto pelo passado recente, como das que moram no fundo dos tempos e que predisseram e predizem o tempo do que vai acontecer. (...) Eis o motivo de minha preocupação em escutar todas. São muitas, plurais e diversas as vozes que me provocam a *escrevivência*” (2022, p. 9).

Durante os encontros da *Oficina*, as *escrevivências* estiveram presentes pesquisadoras e escritoras negras e um referencial bibliográfico organizado pelas oficinas que dialoga diretamente com o termo *escrevivências* criado por Conceição Evaristo.

Em suas duas edições, a *Oficina Escrevivências* seguiu caminhos apontados por um entendimento de um Movimento Negro Educador, que segundo a escritora intelectual Nilma Lino Gomes tem sua relevância da seguinte maneira:

Na luta pela superação desse quadro de negação de direitos e invisibilização da história e da presença de um coletivo étnico-racial que participou e participa ativamente da construção do país, o Movimento Negro, por meio de suas principais lideranças e ações dos seus militantes, elegeu e destacou a educação como importante espaço-tempo passível de interveção e de emancipação social, mesmo em meio às ondas de regulação conservadora e de violência capitalista. (GOMES, 2017, p. 24).

A referência a uma trajetória de lutas prévias que alimentam a construção da *Oficina* está presente no texto produzido por Canto e Nascimento em dois sentidos. Um que estrutura a escrita da escritora escolhida para guiar a primeira edição das oficinas:

A fala de Conceição Evaristo é marcada por uma verdadeira constelação de escritoras/es e editoras negras, sobremaneira, do grupo Quilombhoje/Cadernos

Negros, grupo formado por escritoras e escritores negros de São Paulo que a antecederam no lançamento de livros individuais e coletâneas (poesias e contos). A escritora tem a generosidade de conclamar aos seus, sejam aqueles que se somam à sua contemporaneidade, como Meimei Bastos, Esmeralda Ribeiro, Míriam Alves, Cristiane Sobral, Livia Natália e Geni Guimarães, e as/os primeiras/os escritoras negras/os brasileiras, como, por exemplo, Auta de Souza, Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Cruz e Souza e Lima Barreto. (CANTO E NASCIMENTO, 2018, s/p).

O outro que remete à trajetória das próprias oficineiras na sua presença na UnB e no contato com docentes da instituição:

Costumamos dizer que a partir de 2015, ano da nossa entrada na instituição, várias iniciativas empreitadas pela ocupação do Centro de Convivência Negra (CCN), do Diretório Geral Negro-Quilombo, contemporâneos negras/os (professoras/es, colegas, pós-graduandas/os, poetisas e artistas) como Adélia Mathias, Calila das Mercês, Omar da Silva Lima, Meimei Bastos, Kika Sena, Victor Hugo Leite, Mário Augusto Medeiros da Silva, Tatiana Nascimento e Bárbara Araújo Machado, seja em leituras, seja em iniciativas poéticas e artísticas, têm nos influenciado bastante e, é por isso que nos lançamos nesse desafio. (CANTO E NASCIMENTO, 2018, s/p).

Diante desta seara, as autoras negras apresentadas e apreciadas pelos(as) participantes durante execução do projeto compõem de maneira fundadora *corpus* e fortuna crítica da literatura negro-brasileira (CUTI, 2010) e literatura negrofeminina (SANTOS, 2018), não se disvilculando do campo educacional. Consequente a uma tradição militante, as escritoras negras se assentaram no campo educacional e de atuação intrínseco ao Movimento Negro Brasileiro, esta política continua com a produção, editoração e publicação dos trabalhos literários feito por estas mulheres, a exemplo desta afirmação temos os Cadernos Negros, cooperativa literária Quilombhoje que há mais de quarenta anos vem divulgando no Brasil, trabalhos de diferentes personalidades negras de nossa literatura.

Seguindo uma noção lógica de que a literatura negra não se desvincula das questões político-ideológicas presentes no Movimento Negro, como bem aponta Conceição Evaristo (2010), a *Oficina Escrevivências* se fez na trajetória profissional e pessoal das duas escritoras que foram homenageadas em suas duas edições de projeto.

A vinculação destas mulheres a educação de maneira prática como professoras, junto aos anseios pessoais e metodológicos presentes as condutoras desta oficina literária Zane do Nascimento, como prefere ser apresentada, e Renato Canto fez por criar a metodologia de escrita nomeada Cartas Negras que será melhor detalhada mais adiante, pois essa foi a principal forma de expressão dos(as) participantes, esta ferramenta foi uma maneira de fortalecer o vínculo afetivo e impulso à escrita dos(as) participantes nos nossos encontros. Buscamos essa referência no histórico da série Cadernos Negros (ITAÚ CULTURAL, 2017).

Com este trabalho desenvolvido, a *Oficina Escrevivências* não apenas foi um espaço de sala de aula incomum, mas um ambiente em que corpos e mentes (hooks, 2017) se punham em conexão para o desenvolvimento de diferentes habilidades dos(as) presentes. Desta maneira a proposta pedagógica executada tensiona a universidade com seu modelo enrijecido de ensino, manifestando assim a importância de se permitir mais espaços e atividades integrados à extensão. A compreensão disto se alinha perfeitamente com um dos pressupostos presentes a literatura-negro brasileira, a reivindicação de outros sentidos, lugar histórico e social ao negro que surge do *corpus* literário negro (EVARISTO, 2010).

A compreensão de um corpo e mente juntos trouxe enquanto resultado a produção artística e literária como citado. A palavra escrita aqui, parte de uma experiência estético-corporal que, conforme apresenta a educadora Nilma Lino Gomes (2017) se faz de forma emancipatória:

Os corpos negros se distinguem e se afirmam no espaço público sem cair na exotização ou na folclorização. A construção política da estética e da beleza negra. A dança como expressão da libertação do corpo. A arte como forma de expressão do corpo negro. Os cabelos crespos, os penteados afros, as roupas e formas de se vestir que transmitem uma ancestralidade africana recriada e ressignificada no Brasil (GOMES, 2017, p. 97).

Além de todos os pressupostos teóricos, políticos e práticos denotados, o trabalho conduzido pelasicineiras Zane do Nascimento e Renata Canto teve como fator de mediação os vínculos afetivos, pois assim o fortalecimento junto a participação integral dos grupos minorizados resultaria em um protagonismo de todos(as). Os vínculos afetivos presentes a este ambiente denotam o silenciamento estratégico político dirigido a estas pessoas em espaços hegemônicos como salas de aulas, grupos de pesquisas e até mesmo locais de militância estudantil organizada que se propõem contra-hegemônicos.

Imagem 4 - Troca de abraço entre participantes da *Oficina Escrevivências*



Fonte: Acervo pessoal da autora. Autoria da imagem desconhecida.

Articulada ao tripé ensino, pesquisa e extensão, a *Oficina Escrevivências* propôs de forma concreta uma ampliação do ensino para além das fronteiras acadêmicas, compondo a cena cultural do Distrito Federal durante o seu período de existência. O trabalho desenvolvido tornou-se viável pela segurança de recursos destinados a propostas como esta. Tocar neste ponto se faz necessário, pois com um avanço cada vez mais hostil das políticas de ataque ao ensino público brasileiro, a existência de editais e universidades comprometidas com perspectivas pedagógicas libertadoras se tornam cada vez mais difíceis.

Compreendendo que a *Oficina Escrevivências* nasce livre e de forma a inspirar futuros projetos de caráter semelhante, à existência de planejamentos para o país que se assegura com base em uma austeridade econômica fiscal, apenas desanima e desmotiva toda uma geração futura que esteja comprometida a continuar avançando de forma questionadora construtiva em instituições como as universidades públicas federais por exemplo.

O apoio a atividades como as *Oficinas Escrevivências*, não deve ser entendida e restrita a uma visão de reunião semanal ou encontros terapêuticos comunitários, mas sim ser visto como um modo de expansão do conhecimentos que são socializados democraticamente, se desvencilhando da noção de que o saber é institucionalizado, e que a construção do saber e validação dele está nas mãos de poucos, para isso é preciso um giro epistemológico. De acordo com o sociólogo Paulo Henrique Martins (2019), o giro epistemológico pode ser compreendido da seguinte forma:

O giro epistemológico se relaciona com o modo como foi constituído o pensamento social latino-americano nas interfaces de diferentes disciplinas como a sociologia, a

antropologia, a geografia, a economia e a história e integrando diversas correntes de pensamento como o marxismo, o weberianismo, o keynesianismo, o positivismo, entre outros. O giro epistêmico tem a ver com as rupturas paradigmáticas nas representações anticoloniais da América Latina a partir de descontinuidades nos dispositivos produtores de narrativas coloniais que interferiram nos planos da ciência, da história e da política (MARTINS, 2019, p.690).

Para haver este giro de produção epistêmica e poder, é preciso investimentos e valorização de propostas que se disponham a se edificar de maneira complementar a sala de aula, pesquisa e extensão. Com uma percepção de que a representatividade em conjunto ao conhecimento não é esvaziada de um conteúdo político-ideológico, um dos aportes orientadores desta proposta foi a doação de toda obra autografada pela escritora laureada à Biblioteca Central (BCE/UnB) da universidade, que até aquele instante não contava com qualquer título da escritora. Também foi privilegiado como compromisso político educacional antirracista feminista o oferecimento de ao menos um livro de uma escritora negra a cada pessoa que esteve de maneira assídua a este espaço.

A possibilidade de cumprir com o propósito de doação simbólica a BCE/UnB foi graças a verba prevista em edital, porém com as políticas de cortes de carácter austero neoliberal presentes a universidade todos os outros compromissos apenas se tornaram viáveis com recursos das próprias oficinas e algumas contribuições de convidadas¹⁰ aos nossos encontros. Enfatizar por meio de um autodomínio narrativo as questões de dificuldades orçamentárias enfrentadas durante todo processo de construção desta proposta educacional inflige trazer a tona a quem as políticas de corte atingem, pois economia não é uma ciência vazia de gente e todas as medidas políticas impacta grupos que estão na base da pirâmide social.

Coadunando com esta perspectiva educacional, em que se entende liberdade acadêmica enquanto algo para se aguçar a criatividade, e não para perpetuar e reforçar dominação (hooks, 2019), o projeto aqui descrito tinha por objetivo central criar um ambiente sem silenciamentos, constrangimentos ou cobrança de excelência baseada em um sistema de avaliações. Não compactuar com esta lógica foge inclusive a uma regra produtivista neoliberal existente nas nossas universidades brasileiras.

¹⁰Além das atividades propostas pelas oficinas, a Oficina Escrivências contou com a participação de convidadas que em suma eram acadêmicas negras da Universidade de Brasília (UnB) que de uma maneira ou outra são influenciadas pela potência poética da escritora Conceição Evaristo. Cristiane Sobral e Nanda Fer Pimenta, mulheres que produzem literatura negra feminina a partir do Distrito Federal, foram pessoas que doaram suas obras ao projeto.

CAPÍTULO SEGUNDO

DA MARGEM À MATERIALIZAÇÃO DE VOZES OUTRAS

Após a descrição da *Oficina Escrevivências* e dos pressupostos teóricos-políticos metodológicos que a orientaram, assim como da política pública que a assegurou, este segundo capítulo tem por interesse apresentar algumas perspectivas teóricas do feminismo negro que entendo que se entrelaçam ao percurso de execução e vivência desta oficina. Assim, faço um percurso que apresenta o conceito e o conecta com o vivido no espaço da Oficina.

Como no capítulo anterior, este também está dividido em três seções, sendo a primeira dedicada a uma descrição e reflexão sobre a categoria de *outsider within*, da socióloga afro-estadunidense Patricia Hill Collins (2016) e sua ligação às oficinairas e às participantes. O segundo instante recoloca a pedagogia libertadora na cena para elucidação de que a oficina propiciou, a humanização plena por este viés político educacional consolidando assim a materialização de vozes outras. No terceiro ato, parto de um esforço interpretativo que seria o espaço seguro e como ele foi concebido neste projeto.

Outsider within: o olhar de mulheres negras jovens e a proposição de novos fazeres na universidade

A situação de marginalidade que ainda hoje prevalece nos círculos acadêmicos brasileiros e outras esferas de sociabilidade, poder e existência a mulheres negras, sobretudo oriundas da classe trabalhadora precarizada e invisibilizada, fez por surgir no interior das relações sociais formas de resistências e prevalência de um legado ancestral negro em que o poder de autodefinição e autoavaliação (COLLINS, 2016) são a principal bússola de coragem e força.

Compreendendo o alto teor de violências múltiplas existentes em nossa sociedade e Estado direcionadas a mulheres negras trabalhadoras pobres, formas de autodefinição fora de uma lógica tutelar foram criadas por este grupo ao longo de nossa história. Entendendo este contexto e firmada a um compromisso político antirracista e feminista a *Oficina*

Escrevivências junto a seus(as) participantes traçaram uma jornada particular, que ora era individual e ora, coletiva, de autoavaliação e autodefinição.

Autodefinição e autoavaliação são termos mobilizados por Patricia Hill Collins (2016) para refletir sobre a agência, a intelectualidade e a produção de saberes de mulheres negras nos EUA, seja na literatura, na música e nas relações interpessoais. De acordo com a socióloga afro-estadunidense, a autodefinição envolve um processo de desafio por parte das mulheres negras de estereótipos criados sobre elas. A autodefinição funciona em conjunto com a autoavaliação, que destaca o conteúdo existente na autodefinição feita por estas mulheres. Nas palavras da socióloga, a relação entre estes dois termos se daria da seguinte forma:

Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras (COLLINS, 2016, p.102).

A *outsider within*, conceito cunhado por Collins (2016), sem tradução específica para o português¹¹, define a presença ambígua das mulheres negras em certos lugares. Collins cita como primeiro exemplo de *outsiderism* (a condição de ser uma *outsider*) as trabalhadoras domésticas em sua relação com as famílias brancas que as empregavam. A autora aponta que essas mulheres tinham acesso irrestrito ao ambiente privado e às relações de famílias brancas ao mesmo tempo em que não deixavam de ser negras. Isso produzia uma vantagem sobre a percepção e análise que possuíam das relações raciais e sociais.

A *outsider within* determina uma relação sobreposta entre dois lugares e formas de pensar que o exterior e o interior dos espaços em que mulheres negras estão a transitar. Esta movimentação é interessante por trazer reflexões aprofundadas do lado de dentro e fora de uma discussão acadêmica e política, por exemplo. Assim, o *outsiderism* fornece às mulheres negras as ferramentas que organizam o pensamento feminista negro e que têm a autodefinição e a autoavaliação como elementos que o organizam. Além deles, a percepção interseccional das opressões e do lugar ocupado pelos indivíduos e a produção de um sistema cultural - com símbolos, valores e formas de funcionamento específicos engendrados por mulheres negras -

¹¹Na tradução do texto publicada pela revista Sociedade e Estado, Juliana Galvão aponta que a expressão poderia ser traduzida como a ‘forasteira de dentro’ ou “estrangeiras de dentro” (COLLINS, 2016, p. 99).

organiza as relações entre elas e torna a vida dessas mulheres uma constante atividade de resistência a consensos e estereótipos externos que pretendem discipliná-las e remover seus espaços de agência.

O poder destas duas designações propostas por Collins, se articula perfeitamente às proponentes do projeto e seus(as) participantes por fazerem do lugar de *outsider within*¹² (COLLINS, 2016) que seria uma espécie de observadora interna invisibilizada ao espaço daquele que a coloca em uma localização de outridade, um ambiente de criação. Estando em uma dupla condição de forasteira da universidade e de pertencente ou não ao “seu lugar” estratégias criativas são usadas para lidar com esta circunstância. Collins aponta que esse lugar produz um processo constante de questionamento do que está estabelecido pelo cânone sociológico, apontando o processo de estereotipia produzido pelos *insiders* sobre grupos marginalizados na produção científica ou a invisibilização da experiência dessas sujeitas (sobretudo mulheres negras) no cotidiano da produção científica “normal”.

A filósofa Lélia Gonzalez, no texto *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, de 1983, descreve a figura da “neguinha atrevida” que bagunça a festa de antropólogos brancos que vinham falando sobre a população negra. Gonzalez aponta os estereótipos mobilizados para a reafirmação do mito da democracia racial como o lugar das mucamas na cultura brasileira: rainhas e alvos de objetificação no Carnaval e trabalhadoras domésticas no cotidiano distante da festa. Ao mesmo tempo, Gonzalez afirma a capacidade criativa dessas mulheres seja por fenômenos como o pretuguês (o português ensinado pelas mulheres negras que educam crianças brancas) e pela própria transição entre os espaços de subalterna e aquela que reclama por ser escutada e respeitada em sua realeza.

No caso da *Oficina Escrivivências*, podemos entender que o grupo que a compunha era basicamente de pessoas que eram estrangeiras ao ambiente de produção científica e literária. Como descrevemos no capítulo anterior, as estudantes-oficineiras estavam na graduação de seus cursos, reconheciam-se como mulheres negras jovens, migrantes nordestinas, oriundas da classe trabalhadora, moradoras da Casa do estudante Universitário (CEU/UnB). No mesmo sentido, as pessoas que compunham o público da *Oficina* eram em sua maioria pessoas negras jovens, estudantes de graduação.

¹²Não há no português uma tradução exata e literal a este termo, por esta razão que se mantém a grafia original da língua inglesa. O mais próximo que se chega da tradução para o português seria forasteira de dentro.

A condição de *outsider within* das estudantes-oficineiras e dos(as) participantes fez por ser criada a *Oficina Escrevivências*, ao deslocar-se do lugar de objeto que é aquele(a) definido pelo outro (hooks, 2019) e fazendo de suas experiências pessoais que se misturam às interesses de estudos, pesquisas acadêmicas e militância uma forma desamarra das ideias pré-concebidas que há sobre seus corpos, comportamentos e caráter. Cotidianamente, tal como observado por Collins (2016) e hooks (2019), essas mulheres trazem o poder ancestral que seus olhares de dentro da academia, com a peculiaridade de compressão e articulação de toda a opressão teorizada significa, para um movimento de se tornarem sujeitas (KILOMBA, 2019) donas de suas vozes.

Apoiada em bell hooks (2019), a definição de sujeito(a) é aquele(a) que passa a definir sua própria realidade, históricas e identidade. Kilomba faz eco a essa proposição ao afirmar que: “A passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como ato político” (2019, p.28).

O isolamento imposto pelas universidades a estudantes negros(as) pobres, que se mistura ao sentimento de estrangeirismo (KILOMBA, 2019), que seria um não pertencimento a lugar algum por conta de toda uma estrutura colonial que se apoia no racismo e classismo, também são outros elementos que faz por ser criada propostas como a *Oficina Escrevivências*. A presença de corpos negros até pouco tempo não existentes a lugares que não seja o de subalternidade e precarização do trabalho à universidade, não necessariamente que dizer uma integração e visibilidade plena desses sujeitos(as).

Frequentar as aulas nos *campi*, assinar a lista de presença, enfim seguir a rotina que a maioria dos estudantes segue não significa estar confortável neste ambiente universitário. Grada Kilomba (2019) salienta sobre a segregação racial no acesso à cidade e em como os bairros são organizados para um não contato entre negros(as) e brancos(as). Acredito que o mesmo possa ser válido na universidade, pois essas pessoas estão solitárias, isoladas em um ambiente de maioria branca temerosa a um contato real com o(a) negro(a).

O estrangeirismo se soma a este aspecto por revelar em como este(a) estudante não parece ser daquela universidade, algo que se materializa na clássica frase que cabe ao

contexto analisado: “Você não tem cara de Unb¹³”. Seguindo o argumento de Kilomba(2019), questionamentos e afirmações como essa apenas revelam que:

Aquelas/es que questionam exercitam uma relação de poder define a presença de [...] como *Fremde* (estranha) e do território como delas/es, traçando uma fronteira clara entre Você, a/o “Outra”/o racial, que está sendo questionado e tem explicar, e Nós, as brancas/os, que questionamos e controlamos (KILOMBA, 2019, p. 115).

Os aspectos comentados se conectam à condição de *outsider within* e a *Oficina Escrivências*, e a necessidade de criação do espaço seguro no ambiente acadêmico por evidenciar que a construção do conhecimento são atravessada por violências e conservação de estruturas hierarquizadas que privilegiam o sujeito branco, questionando assim o mito da objetividade científica (COLLINS, 2019).

A interconexão presente não apenas nas formas de aprendizagem, mas também no entendimento de como as opressões se articulam cotidianamente de maneira material na existência daqueles(as) postos à invisibilidade gerou ao ambiente da oficina a concretização de vozes outras que ao longo deste texto vem sendo destacada de maneira a ressaltar que isso foi possível graças à criação de um espaço seguro (COLLINS, 2019).

Ao se colocarem como produtoras de conhecimento em um ambiente hierarquicamente rígido como a universidade, assim denominadas pessoas invisibilizadas, se desvencilharam como anteriormente anunciado do lugar de objetos de estudos científico. No Dossiê produzido e publicado na Revista Mana por Joaze Bernardino-Costa e Antonádia Borges (2022), há um argumento central sobre a importância de termos em nossas universidades uma diversidade que valorize a produção de quem deste a mais remota história colonial estão a compor o quadro de nossas ciência enquanto objeto e fetiche. O trecho abaixo elucida bem o porquê de se dismantelar essa imagem:

É fundamental neste projeto radical da diversidade que as experiências corpo-políticas e as sensibilidades históricas de estudantes, pesquisadores e professores negros, indígenas e quilombolas possam ser acionadas e valorizadas para a produção de conhecimentos que desmantelem o princípio da branquidade que sustenta essas narrativas hegemônicas (BORGES& BERNADINO-COSTA, 2022, p. 6)

¹³ Essa frase foi ouvida pelasicineiras e suas participantes em momentos dentro e fora da Universidade. Não é uma transposição direta do texto de Kilomba, mas sim uma maneira de explicar a materialidade desta estrangeirismo com base em sua obra.

Insisto nesta prerrogativa por compreender que a história das ciências brasileira em seu panteão de consagrados memoráveis há uma maioria de homens brancos que se firmaram com discursos e produções científicas um tanto duvidosas. O fim desta lógica gera conflitos, mas conflitos em que “o problema do(a) negro(a)” por exemplo, deixa de ser a guisa da discussão para nos centrar na contribuição honrosa protagonista do negro(a) frente a *intelligentsia* brasileira (CARNEIRO, 2023).

Pedagogia libertadora

A pedagogia libertadora surge para traçar uma linha explicativa de que o espaço seguro neste contexto também foi possível graças a ela, pois entendendo que a pedagogia libertadora crítica (FREIRE, 2015) busca uma humanização em que a tomada de consciência possa mudar sua consciência e realidade. Seguindo os caminhos do educador Paulo Freire (2015), a pedagogia libertadora e a construção dos processos de ensino-educação como um espaço de agência, consciência e aprendizado coletivo/mútuo e político, que tem uma capacidade revolucionária na vida dos próprios indivíduos que desencadearia uma revolução das relações.

A escritora e educadora bell hooks (2019), entende a pedagogia libertadora como uma prática educativa para além dos espaços escolares, nas relações cotidianas entre as pessoas que compõem as comunidades negras e a centralidade dos afetos. Em nossa perspectiva, o conteúdo da pedagogia libertadora para hooks, se liga diretamente à noção de espaço seguro, que definiremos na sequência, o que implica uma complexificação da pedagogia da autonomia proposta por Freire.

O funcionamento da *Oficina Escrevivências*, com as noções apresentadas ao corpo do texto de Freire (2015), hooks (2019) e Hill Collins (2019), eram sincronizadas ao encontro de forma prática, seja com o material de didático pedagógico ou organização do ambiente de realização das atividades. As atividades práticas durante os encontros abordaram a memória e os afetos (segundo encontro), o autocuidado, a conexão das pessoas com os seus bairros de origem, temas que não aparecem cotidianamente nas dinâmicas universitárias.

Com apoio de uma pedagogia libertadora, foi entendido pelasicineiras e suas/seus participantes a importância de um desmantelo do fazer educacional que nos acompanha

desde a mais tenra idade. O primeiro passo era a visualização de uma sala de aula que é enfileirada hierarquizada com a figura do(a) professor(a) rígido detentor de toda palavra e conhecimento. No desenho proposto pela *Oficina Escrevivências*, esta imagem era completamente apagada e um nova surgia com a sala organizada em círculo sem presença de objetos como mesa e cadeira do professor(a). O círculo, um método simples para promoção de circulação da palavra, das reflexões de maneira horizontal, foi eficaz para a escuta das vozes um dos(as) outros(as) e uma interação cara a cara.

Em um modelo educacional cartesiano positivista prevalece a separação antagônica de mente/corpo; ciência/sentimentos/; natureza/cultura e assim por diante, o que provoca uma desconexão entre o conhecimento e aquele que busca aprender. Tendo a consciência de que tais divisões geram hierarquias e na maioria das vezes afasta o sujeito(a) de um desenvolvimento pleno de suas múltiplas habilidades, as organizadoras da *Oficina Escrevivências* propuseram que essas divisões não vigorasse nas atividades realizadas o que implica no entendimento de que antes de um resultado há a existência de pessoas e de dinâmicas pessoais naquele ambiente educacional.

Imagem 5 - Participantes em atividade durante a *Oficina Escrevivências*



Fonte: Acervo pessoal da autora. Autoria da foto desconhecida.

Para uma disrupção da forma educacional que conhecemos e que nos foi ensinada a ensinar, sempre antes do início das atividades em cronograma realizadas pela *Oficina*

Escrevivências era feita as seguinte pergunta: “Como foi sua semana?” e ao final dos encontros a pergunta guia: “Como se sente?”, essas duas sentenças eram base para um sentir de tudo que estava por vir e gerar um conforto entre participantes e oficinas. Outra prática importante era o lanche coletivo realizado sempre ao final dos encontros para confraternização dos envolvidos.

Espaço seguro e o rompimento com os estereótipos de estudantes negros

A percepção de espaço seguro, como nos aponta Patricia Hill Collins(2019), não é algo concluído em sua obra de maneira geral. Em seu livro: “Pensamento Feminista Negro”, que é obra que melhor trabalha tal conceitualização, a interpretação que pude ter enquanto leitora é que este conceito é uma elaboração agenciada entre mulheres negras de diferentes gerações e localizações espaciais, que fez e faz com que este grupo diante de uma ideologia de opressões que se retroalimentam encontre uma esfera discursiva em que possam falar livremente. Estes espaços de fala e escuta ativa (hooks, 2019) na maioria das vezes não se encontram em esferas burguesas como a universidade, mas sim locais pouco valorizados como a casa dessas mulheres, as assembleias comunitárias de seus bairros e igrejas. Estão presentes na expressão artística, como no blues e na literatura.

No capítulo *O poder da autodefinição* no livro citado, Collins define de maneira mais detida a noção de espaço seguro. Ela aponta que os silêncios das mulheres negras não devem ser interpretados como concordância com aquilo que dizem delas, mas a existência de “pensamentos ‘íntimos’ que permitem às mulheres negras suportar e, em muitos casos, transcender os limites das opressões interseccionais de raça, classe, gênero e sexualidade” (COLLINS, 2019, p. 181). O processo de ganhar a voz passa pelo encontro dessas mulheres em espaços seguros, em que podem falar livremente e construir modelos autodefinidos de se verem em uma dada sociedade. Collins afirma que os espaços seguros não são um estilo de vida, “ao contrário, constituem um mecanismo dentre muitos destinados a promover empoderamento das mulheres negras e nos capacitar para participar de projetos de justiça social” (COLLINS, 2019, p. 199) em que o reconhecimento da potência individual é elemento central de funcionamento do espaço como espaço seguro.

Nestes lugares longe de um idealismo perfeito e guetizados essas mulheres puderam exercer o comando e liderança de diferentes funções consideradas masculinas e para pessoas brancas, a

condição de mãe solo que assombra a maioria das mulheres negras no Brasil, por exemplo e que não devemos romantizar, fez surgir uma autoridade na família por parte destas mulheres até antes destinadas apenas aos homens, além do respeito de seus filhos(as) e comunidade a estas mães.

Mesmo sofrendo com a iminência do genocídio, pobreza e falta de oportunidades que rondam toda uma juventude negra periférica, essas mães criam estratégias particulares para continuidade dos estudos dos filhos(as). Collins (2019) movimenta em “Pensamento Feminista Negro” falas de mulheres negras que aportam para toda uma sabedoria de suas mães para manter a educação de seus(as) filhos e até mesmo própria. Estratégias como a observação do que os padrões lêem e a oferta de alguns desses mesmos livros para seus filhos foram algumas dessas estratégias adotadas por essas mulheres relatadas na obra.

No Brasil, deslocamentos semelhantes são feitos por mães negras. Em trabalho realizado pela professora de educação básica do Distrito Federal, Gina Vieira, intitulado “Mulheres Inspiradoras”, os (as) estudantes tem como tarefa principal apresentar a trajetória de mulheres que as inspiram, curiosamente a maioria das mulheres escolhidas pelas crianças são suas mães que são majoritariamente negras¹⁴. Ao relatarem o porquê desta escolha, as crianças argumentam como suas mães são suas principais incentivadoras nos estudos e sonhos pessoais.

Toda esta engrenagem criada por estas mulheres ao longo da história de supremacismo branco(a) brasileiro, longe de uma romantização sobre maternidade e outros assuntos afins, criou uma autonomia sobre suas vozes e o tom de assuntos políticos que desafiam toda uma estrutura hegemônica. Mesmo que não estejam em espaços de poder e influência, e quase sempre posicionadas em âmbitos privados, elas deram sentido à vida de suas famílias e comunidades, ensinaram o poder da autoestima aos seus filhos(as), autonomia e poder de erguer a voz(hooks, 2019).

Resgatar a continuidade destas práticas exercidas por estas mulheres em nossa história não se trata de um ufanismo, mas aqui se enquadra para explicar de maneira clara o que seria o espaço seguro e sua concretização em nossa sociedade. A ligação de tudo isto com a *Oficina Escrevivências*, aqui pesquisada, se dá por entender que a consciência prévia sobre a importância destes ensinamentos por mulheres negras desprivilegiadas como nossas mães,

¹⁴ O relato apresentado foi feito em uma fala pública realizada em 2018 na Faculdade de Educação (FE-UnB) em que a professora Gina Vieira, apresentava o projeto “Mulheres Inspiradoras”.

tias, avós que não tiveram o direito à educação formal demonstra a importância de um movimento contínuo de pensar em conjunto com elas rompendo com a noção de objeto destinado a essas mulheres nas ciências humanas e sociais e até mesmo em alguns movimentos sociais e políticos/ partidária.

Ao transpor toda uma estrutura acadêmica pouco atenciosa em atender as pretensões, anseios e contemplação dos talentos de estudantes pouco privilegiados(as), proposições interventivas como a *Oficina Escrivências* tensionam imagens de controle (COLLINS, 2019) impostas sobre esses(as) sujeitos(as) no campo universitário acadêmico.

As imagens de controle como anunciado é mais um dispositivo teórico-sociológico desenvolvido por Patricia Hill Collins para explicar como a matriz de dominação se consolida sobre mulheres negras de forma justificada pela estrutura. De acordo com a socióloga, essas imagens seriam as seguintes: *mommies*, *hoochies* e rainhas da assistência. A primeira seriam as matriarcas, mulas, mulheres anuladas sexualmente; a segunda, seriam mulheres negras de sexualidade lascívia; e a terceira que é uma certa extensão da primeira seria mães que vivem sob a proteção e dependência do bem estar social (COLLINS, 2019).

A explanação das imagens de controle na circunstância de um trabalho sobre uma oficina literária é necessária para expor que estas imagens se estendem ao mundo universitário, mesmo que o status de estudante universitário(a) esteja posto. Essas imagens não são fixas e elas operam de acordo com o trânsito que essas pessoas têm na universidade, ou seja a cada instante uma imagem particular é acionada a depender do espaço, das circunstâncias de interação.

Na realidade da Universidade de Brasília que a todo instante aciona de forma vangloriosa o discurso de ser a primeira a adotar o sistema de cotas essa matriz de opressão não se encerra. Imagens como rainhas da assistência são acionadas, por exemplo, quando o(a) estudante é obrigado a expor de maneira vexatória às instâncias institucionais sua situação de vulnerabilidade para atendimento de seu direito pelos programas de assistência social presentes na universidade.

A de *mammies* é direcionada a essas estudantes quando são lembradas para o trabalho universitário, que é tida como sem vida social e que sempre está de prontidão para ajudar e aconselhar seus amigos. A *hoochies* se consolida a este universo de forma perversa na ideia de disponibilidade sexual e assédios por colegas e professores.

Acrescento a essa apresentação a imagem de controle da negra raivosa, amarga e mal amada. Esta acredito ser muito bem operacionalizada em salas de aulas e eventos acadêmicos. Seria a estudante empenhada em “atacar” seus professores e colegas com falas rancorosas sobre o racismo, sexismo e classicismo presente na universidade.

Descrever como essa matriz de dominação funciona na vida acadêmica para estudantes negras pobres novamente nos obriga a olhar para a formação de um espaço seguro na universidade de desvinculação destas imagens. A *Oficina Escrevivências*, buscou cumprir com este papel, seguindo o pressuposto de um relacionamento franco e verdadeiro interativo entre os(as) presentes nos encontros.

O espaço seguro não foi criado ao acaso ou simplesmente por estar entre minorias políticas, mas sim fazendo consonância, ao empoderamento que não é uma palavra esvaziada de sentido político prática, mas sim elemento co-substancial a esta oficina para a consolidação do ver, se ver, se ouvir, escrever e escrever.

Todos os instrumentos explicados buscaram de maneira prioritária a humanização de todos(as) que estiveram presentes ao projeto. A pedagogia libertadora foi um dos principais pressupostos para a concretização da *Oficina Escrevivências*. A condução sensível dos encontros permitiu que a sala de aula que abrigava a *Oficina* se tornasse um espaço seguro, em que as participantes - *outsiders within* - produziram vínculos e trocaram afetos e sentiram-se respeitadas e ouvidas. Este capítulo buscou apresentar essas duas orientações teóricas junto a outras argumentações para uma visualização dos encontros que se articulavam horizontalmente.

O capítulo que segue pretende demonstrar a produção da *Oficina Escrevivências* como as cartas negras e em como a feitura deste material é um dos principais devolutos a comunidade acadêmica da Universidade de Brasília, junto a doação autografada de toda bibliografia de Conceição Evaristo a Biblioteca Central(BCE). Trazer esses materiais à tona é uma maneira de ligação direta com discussão teórica epistemológica até aqui empreendida.

CAPÍTULO TERCEIRO

LER, SE LER, SE VER , SE OUVIR E ESCREVIVER

Neste capítulo, apresentamos alguns dados que visam a contribuir com a resposta da nossa pergunta de pesquisa neste trabalho. Se no capítulo anterior fizemos um esforço de reconhecer as práticas da *Oficina Escrevivências* dentro das propostas teóricas do feminismo negro, neste buscaremos trazer resultados produzidos ao longo dos encontros - como as cartas negras - e duas entrevistas realizadas com participantes do projeto durante a edição que analisamos aqui.

O capítulo está organizado em três seções que têm por propósito a análise de matérias como as cartas negras e a produção de narrativas positivas e não estereotipadas de personagens negras; o diálogo entre pessoas negras que faz por quebrar hierarquias. Esses documentos, no caso as cartas negras, junto às entrevistas buscam sintetizar de forma prática a articulação do conceito espaço seguro que é a centralidade deste trabalho.

A horizontalidade das trocas - pedagogia libertadora e laços de confiança nos encontros

Começemos esta seção com uma imagem:

Imagem 6 - Card de divulgação da oficina



Fonte: Acervo pessoal da autora com imagens da *Oficina Escrevivências*.

Esta imagem foi produzida por Josinelma Ferreira Rolande Bogéa em parceria com o seu companheiro André Bogéa, mulher preta da Baixada Maranhense, mãe da Magali, doutoranda em Antropologia Social pela UnB, artista plástica e participante ativa e assídua dos encontros promovidos pela *Oficina*. Esta imagem foi um presente oferecido por ela ao projeto para sua divulgação. A imagem apresenta duas figuras mulheres negras segurando um lápis direcionado uma para outra, remete às escrevências aqui descritas, pois elas estão a “assenhorear-se da pena, este objeto falocêntrico branco que tomou para si a definição do regime de escrita reproduzindo narrativas canônicas de uma auto representação”(EVARISTO, 2005, p.54), mas desafiando esse cânone ao produzirem-se e representarem-se a si mesmas no ato de escrever.

As figuras estarem frente a frente podem ser interpretadas como a promoção do espaço seguro, dado que uma olha para outra em uma forma de cumplicidade. O lápis na mão de ambas é de um certo modo o espelhamento da pedagogia libertadora e a construção de uma auto-representação que quebra com os estereótipos racistas e sexistas sobre mulheres negras. A ação de pegar no lápis representa a importância do protagonismo de suas histórias e vida, além destes pontos visualizados, a diferença de tonalidade de pele nas figuras é a representação da diversidade presente em nossa negritude.

Entendemos que um dos pontos que marcam a quebra de um modelo estático de conhecimento e influenciam a horizontalidade das trocas durante os encontros da *Oficina Escrevivências* foi o fato de ela ser concebida e facilitada por estudantes de graduação. Essa foi uma das questões feita às participantes-entrevistadas e obtivemos como respostas que a existência dessa horizontalidade gerava um ambiente de conforto, segurança e empatia aos(as) participantes, como é possível ver nos trechos a seguir:

“Eu sabia que era organizada por duas estudantes da graduação. Eu me sentia muito bem por isso e não achei que elas soubessem menos por serem da graduação. Inclusive acredito que isso me fez sentir mais à vontade para estar ali, isso porque os pós-graduandos no geral parecem muito distantes da graduação no sentido de que existe uma hierarquia muito clara na universidade. Estar com pessoas que estavam na mesma etapa que eu foi ótimo para mim” (Entrevista de Natalina Soledad, 02 de junho de 2023).

“Me sentia confortável, por ser algo que dialogava muito com a minha realidade naquele momento, e conhecia as mediadoras e seus trabalhos de outros espaços e me sentia muito confiante diante das competências delas, sabia que seria um trabalho muito bem feito” (Entrevista de Shirley Paixão, 21 de junho de 2023).

Os trechos das entrevistas para apontam para o fato de que havia uma certa horizontalidade estabelecida entre as pessoas participantes da *Oficina* que é derivada dessa pertença à graduação: a hierarquia entre estudantes de pós-graduação *versus* de graduação e o alívio de estar com pessoas na mesma etapa formativa, como apontou Natalina Soledad; e a conexão dasicineiras com o momento vivido por Shirley Paixão. Além disso, os trechos acima chamam atenção para a existência de conhecimento compartilhável (e compartilhado) mesmo entre aquelas que não sabiam, dada a sua etapa de formação, reiterando as bases de uma pedagogia libertadora: “não achei que elas soubessem menos por serem da graduação” (Soledad) e “me sentia muito confiante diante das competências delas” (Paixão).

Cartas negras e outras atividades da *Oficina Escrevivências*: a positivação de narrativas de personagens negros (as): “ir além das nossas possibilidades”

As Cartas Negras, diretamente relacionadas a história de um grupo de escritoras e amigas negras, respectivamente, Miriam Alves, Sônia Fátima da Conceição, Lia Vieira, Esmeralda Ribeiro e Conceição Evaristo que integravam os Cadernos Negros. Essas autoras começaram a se corresponder por cartas, em 1991, apoiando-se a fim de estimular a escrita umas das outras (ITAÚ CULTURAL, 2017). Assim como este histórico a metodologia que carrega este mesmo nome buscou um incentivo a escrita dos(as) participantes do projeto.

A criação das Cartas Negras no ambiente da *Oficina Escrevivências*, era feita do seguinte jeito: sempre havia a leitura de um conto com a presença central de personagens negros, após esta leitura um debate era feito e depois em grupo ou não uma carta era oferecida a um personagem da história ou alguém que o escritor(a) da carta acreditava que poderia ser inspirado por aquele conto. Sempre era feita a leitura em voz alta dos trabalhos, para que assim pudéssemos ouvir a voz de todos(as), claro que essa leitura só era feita com o total conforto e autorização de quem estava a ler.

No relatório entregue para o DOCCA/UnB foram reproduzidas as cartas negras escritas como resultado do terceiro encontro, em que foram lidos três contos de Conceição Evaristo: *Di Lixão* (Olhos d’água), *Os guris de Dona Feliciano* (História de Leves Enganos e Parecenças) e *Isaltina Campo Belo* (Insubmissas Lágrimas de Mulheres). Nessas cartas é possível perceber a dor e a superação dela através da ação de empatia gerada pela humanidade profunda que há nos personagens dos contos, como nos excertos apresentados a seguir:

“Agora, temos a oportunidade de **recomeçar, de uma forma menos dolorida**, quando falo de dor, são todas, da boca, da urina, aqui pode mijar na cama! Morremos separados, na vida não nascemos e nem morremos juntos, mas vamos recomeçar unidos, eu-você” (sem autoria *apud* CANTO e NASCIMENTO, 2018, s/p, grifos da autora).

“Aguardo sua chegada com entusiasmo mesmo sabendo do rancor que te habita. No **lugar que estou, para onde você virá, não existe dor**, aqui posso lhe dar atenção, aqui você não tem a marca do Lixão” (sem autoria *apud* CANTO e NASCIMENTO, 2020, s/p, grifos da autora).

“Saudações Maria Agonia, permita que eu te diga: **Eu compreendo a sua dor. Sei o difícil que é subjugar-se à vida do outro** (...) Sinto sua dor de estar dividida entre a emoção e a razão! A emoção/o desejo é a máquina motriz da própria vida/foi a razão insana de sua morte” (OLIVEIRA *apud* CANTO e NASCIMENTO, 2018, s/p, grifos da autora).

Os grifos inseridos nos fragmentos das cartas trazem enquanto destaque a relação dos personagens com a dor, seja ela física ou emocional. Os três contos proferidos para realização desta atividade debatem sobre este sentimento por uma ótica de visibilidade desta dor, que creio ser um recurso literário para aproximação do(a) leitor(a) ao universo do personagem.

O mergulho a esfera destes personagens acredito que faz por gerar uma empatia e um vislumbramento mais abrangente e profundo sobre a vida rotineira, sonhos e desejos destas pessoas. Os destaques aos trechos das cartas negras exemplificam este ponto como um ato de empatia ao trazer termos como compreensão, recomeçar e não existe dor.

Na descrição de Collins sobre os espaços seguros, a relação entre mães e filhas é um desses espaços em que mulheres negras sentem-se compreendidas e abraçadas, livres para falar e para ser. Nas cartas negras produzidas, a relação da maternidade apareceu:

Que vontade meu filho, de te abraçar, assim que você se encolheu tal como feto mas tão solitário”(sem autoria *apud* CANTO e NASCIMENTO, 2020, s/p, grifos da autora).

Receba essa carta minha filha para quebrar os silêncios entre nós. Entro em contato para dizer que estou com muita saudade e escrevo com lembranças suas brincando de subir e descer a árvore. (SOUZA *et al.* *apud* CANTO e NASCIMENTO, 2018, s/p, grifos da autora).

Hoje sei que deveria ter lhe falado que sabia e que mesmo não confiando ou não querendo ou querendo eu ainda seria sua mãe. Independente da situação. **Você cresceu e saiu debaixo das minhas asas, que mesmo às vezes doloridas, eram o teto e porto que poderia te oferecer. Espero que você encontre conforto entre suas pessoas amadas para compartilhar o que não compartilhamos juntas** (SOUZA *et al.* *apud* CANTO e NASCIMENTO, 2018, s/p, grifos da autora).

A maternidade destacada a estes fragmentos é a representação clara do rompimento com a imagem de controle da *mammies* explicada anteriormente, nos fazendo vislumbrar assim uma relação de companheirismo e amizade criadas por mães negras junto a seus filhos negros(as).

Além da produção das cartas negras, os encontros da *Oficina* contavam com outras dinâmicas, como apontamos ao longo do primeiro capítulo. Um elemento que perpassa todos os momentos nas sextas-feiras em que nos encontrávamos na FUP/UnB era o de uma profunda empatia entre as pessoas que estavam compartilhando a sala. Reverberando ali a perspectiva de hooks (2017, p. 25) de uma pedagogia engajada: “ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo”.

Nas entrevistas, a proximidade com as pessoas que ofereciam a oficina foi apontada como uma das razões para participar da atividade. No início havia insegurança do que aquela atividade representava, mas o tempo muda as dinâmicas e favorece a integração das pessoas entrevistadas ao trabalho realizado ao longo da entrevista, como é o caso de Natalina Soled, que traz o seguinte relato em sua entrevista:

De início eu estava um pouco mais desconfiada sobre o que estava acontecendo. Me sentia curiosa para entender o que seria aquilo, porque eu não tinha entendido muito bem de início o que era a oficina. Depois com o tempo eu fui compreendendo mais e me sentindo ainda mais acolhida, mais pertencente a cada oficina que passava. Eu me sentia acolhida no espaço, e gostava das atividades e das pessoas. Eu me sentia pertencente ao espaço e isso foi muito importante para que eu me sentisse mais integrada nas atividades e para que eu conseguisse fazer as atividades me entregando mais ao que estava acontecendo. (Entrevista de Natalina Soled, 02 de junho de 2023).

Na obra “Olhares Negros: raça e representação”, bell hooks (2019) ressalta a importância de amar a negritude e fortalecer a identidade negra enquanto dimensão política, rompendo com as imagens comumente narradas e representada de pessoas negras na mídia e afins. “Para encarar as feridas, para curá-las, as pessoas negras progressistas e nossos aliados nessa luta devem estar comprometidos a realizar os esforços de intervir criticamente no mundo das imagens e transformá-lo” (hooks, 2019, p.36). Alinhada a esta perspectiva a *Oficina Escrevivências* buscou um comprometimento com esta postura por diferentes meios aqui analisados. Trechos das entrevistas realizadas exemplificam essa pontuação:

“As meninas falavam muito sobre questões da negritude, mas não de uma maneira triste. Elas falavam sobre de uma maneira mais alegre, tirando o foco do sofrimento.

Eu acredito que a oficina trouxe perspectivas felizes sobre a negritude e também sobre as nossas vivências.” (Entrevista de Natalina Soled, 02 de junho de 2023).

“Um dia com uma participação especial com a autora Cristiane Sobral, no dia anterior eu tinha recebido a notícia de falecimento de uma tia distante, minha família estava comovida e eu tinha passado a noite consolado as pessoas próximas a mim, fui dormir naquela noite, no dia seguinte quando o despertador tocou eu levantei pra demorar pois estava com a cabeça cheia e um pouco abatida, mas pensei melhor e vi que seria melhor está perto de pessoas especiais pra mim naquele momento, e fui ao encontro do projeto, e foi incrível, **a autora Cristiane Sobral, suas palavras foram acalanto e me deram forças, ela trouxe a importante de podermos ser aquilo que queremos ser, de poder sonhar, fantasiar e ir além da nossa realidade”** (Entrevista de Shirley Paixão, 21 de junho de 2023).

“Durante a leitura de um poema da Conceição Evaristo, o poema era sobre o luto de uma mãe, estávamos lendo em voz alta, uma leitura coletiva, e durante os versos reconheci alguns momento que já vi as mulheres da minha família vivenciando, a dor de perder o filho e fiquei muito sentida, **foi uma leitura muito sensível e reconfortante por causa da sensibilidade das mediadoras”** (Entrevista de Shirley Paixão, 21 de junho de 2023)

É interessante notar que tal valorização extrapola as relações das pessoas envolvidas na *Oficina Escrevivências* e se mostra também relevante para entender o espaço físico em que estão incluídas, ampliando o registro positivo das próprias existências, como o relato de uma das participantes ao relatar a mudança na relação com o seu bairro:

“Foi muito interessante perceber que na minha cidade tinha muitas coisas legais que eu não tinha muito contato porque eu sempre estava no centro de Brasília, no Plano Piloto, então tudo que eu ia fazer precisava ser ali no Plano Piloto e reconhecer a minha identidade de São Sebastião enquanto uma pessoa que nasceu ali fez muita diferença para mim, pois eu sempre percebi que as pessoas que moram em Taguatinga e na Ceilândia possuem muita identidade desses locais e eu não tinha tanto, então foi muito interessante ter mais contato e mais acesso e refletir sobre esse assunto” (Entrevista Natalina Soled, 02 de junho de 2023).

Sentir-se acolhida e ganhar a voz

A referência ao acolhimento é uma das bases de entendimento do espaço seguro. Junto com o acolhimento torna-se possível às participantes da *Oficina Escrevivências* ganharem sua voz e potencializarem suas experiências ao longo do período de funcionamento do projeto:

Sempre me senti acolhida, os primeiros encontros em Planaltina fazíamos um café da manhã colaborativo e conversamos sobre tudo nesses momentos, era muito importante para aproximar das outras participantes, e a propostas das atividades e a forma como era conduzidas eram muito estimulantes, e por ser um espaço acolhedor

e estimulante me sentia confortável em me arriscar, me jogar de cabeça, poder errar, e compartilhar meu pensamento e sentimentos. (Entrevista de Shirley Paixão, 21 de junho de 2023).

Como dissertado ao segundo capítulo desta monografia sobre o entendimento de um conhecimento em que haja a união completa e plena de todos os sentidos e percepções humanas, o depoimento de Natalina Soled reforça em com a universidade precisa de espaço e momentos que acolha esta percepção de ensino e aprendizagem:

“eu acredito que a universidade precisa de mais momentos em que o conhecimento é transmitido de forma intuitiva e mais afetuosa” (Entrevista de Natalina Soled, 02 de junho de 2023).

“acredito que a universidade deveria ter mais espaços assim em que a contribuição a troca acontece de maneira verdadeira e recíproca” (Entrevista de Natalina Soled, 02 de junho de 2023).

As vozes plurais que foram construídas por uma série de instrumentos político pedagógicos e teóricos descritos a este texto, trouxe ainda mais um fruto que foi a necessidade de indagar o nosso campo teórico literário brasileiro sobre a produção intelectual liteária negro-feminina e a percepção que há sobre a produção destas mulheres nos ciclos hegemônicos de conhecimento acadêmico institucional. O depoimento de Shirley Paixão, denota sua nova percepção sobre a literatura e a valorização e potência que existe a espaços de produção negra feminina.

“Mudou a forma como vejo a literatura, como valorizo espaços de aprendizagem entre mulheres negras falando sobre mulheres negras, eu vejo com outros olhos essas oportunidades, vejo uma potência que eu não via antes” (Shirley Paixão, 21 de junho de 2023).

A fala de Shirley Paixão, denota para uma intelectualidade e leitura atenta de trabalhos de mulheres negras que desafiam todo um cânone. Ao argumentar sobre a valorização desta intelectualidade e espaço de potência a interlocutora, também apresenta alternativas a nosso modelo de ensino e aprendizagem que ainda reverbera questões como o racismo por exemplo.

CONCLUSÃO

“E acredito, acredito sim que nossos sonhos protegidos pelo lençóis da noite ao se abrirem um a um no varal de novo tempo escorrem as lágrimas fertilizando toda terra onde negras sementes ressintam remanescendo esperanças em nós”

Conceição Evaristo, 2017

“ Poemas da Recordação e Outros Movimentos”

Assim como iniciar um trabalho, concluí-lo não é tão simples quanto aparenta, ao menos para alguém como eu. O percurso para finalização desta monografia foi de uma intensa interlocução seja comigo mesma para acreditar que poderia sim produzir um texto de qualidade ao curso de Sociologia, seja com a bibliografia básica selecionada que escolhi trabalhar.

A escolha deste tema para esta monografia como explicado ao longo de todo o texto não foi feita por mero acaso. A *Oficina Escrevivências*, primeira na Universidade de Brasília, precisava ser documentada e analisada com rigor científico sociológico para provar todo seu potencial de movimentação social, política e educacional durante a sua existência na universidade.

O racismo e o classicismo prenhe as nossas instituições universitárias quase sempre nos impede de avançar com nossos sonhos e pretensões profissionais, acadêmicas intelectuais, diante de tantas negativas e supressão de autoestima a *Oficina Escrevivências* como bem evidenciou este trabalho criou de maneira singular mecanismos de resistência e presença de uma intelectualidade pouco valorizada em nossas universidades.

A ideia de criação de algo tão precioso como esta oficina demarca em como ainda precisamos de espaços de ensino e aprendizagem em que haja valorização de uma pedagogia libertadora. A *Oficina Escrevivências* com todas as suas dificuldades traçou um caminho de possibilidades a um modelo de ensino institucional altamente engessado.

A concretização desta oficina que gerou frutos perenes na Universidade de Brasília, foi feita por um grupo de pessoas pouco ou nada privilegiadas. As condutoras deste projeto mulheres despidas de qualquer privilégio movimentaram a estrutura universitária por sua base. trazendo à tona o racismo institucional presente na primeira universidade federal a adotar o sistema de cotas.

Ao longo da escrita deste trabalho várias questões foram aparecendo não como algo que pretende uma resposta, mas sim enquanto uma costura ao texto. A questão principal que é

sobre o espaço seguro, tentou ser respondida por um viés técnico- metodológico de uma bibliografia feminista, libertadora e negra. Que este trabalho possa inspirar seus(as) leitores(as).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo-SP: Selo Sueli Carneiro, 2019 (Coleção: Feminismos Plurais)

BRASIL. Presidência da República - Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto 7.234. Brasília, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm

BRASIL. Constituição de (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016>

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. Brasília, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>

BORGES, Antonádia & BERNARDINO-COSTA, Joaze. Dessenhizar a Universidade: 10 anos da Lei 12.711, ação afirmativa e outras experiências. *In*. Dossiê: Dessenhizar a Universidade: 10 anos da Lei 12.711, ação afirmativa e outras experiências. Revista Mana de Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro-RJ, v. 28, n. 3, p. 01-20. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n3a0400>>

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo-SP: Selo Negro, 2010 (Coleção: Consciência em Debate).

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento*. São Paulo-SP: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: A significação sociológica do pensamento feminista negro. *In*. Dossiê: Decolonidade e Perspectiva Negra. Revista Sociedade e Estado. Brasília, v. 31, n. 1, p.99-127, jan/abr.2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/abstract/?lang=pt>>

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de Racialidade: A construção do outro como não ser fundamento do ser*. São Paulo-SP: Zahar, 2023.

DE ALMEIDA, Wilson Mesquita. Estudantes com desvantagens sociais e os desafios da permanência na universidade pública. *In*. Camadas populares e universidades públicas:

trajetórias e experiências escolares. São Carlos-SP: Pedro e João editores, 2012. Disponível em:

<<https://pedroejoaoeditores.com.br/site/wp-content/uploads/2021/05/Camadas-Populares-e-universidades.pdf#page=240>>

DE SOUZA, Luiz Mário. Capitalismo e racismo: uma relação essencial para se entender o predomínio do racismo na sociedade brasileira. *In. Revista Katálysis*. Florianópolis, v.25 , n.2 , p. 202-211, maio./ago. 2022 . Disponível em < <https://www.scielo.br/j/rk/a/C6N8TfK97tq9XXbmgG9nJcv/abstract/?lang=pt> >

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. *In:PEREIRA, Edimilson de Almeida. Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte-MG: Mazza Edições, 2010. (Coleção Sete Falas)

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*, 1:1, 2005. Disponível em: <<https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>>

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro-RJ:Pallas, 2017

EVARISTO, Conceição. *Canção Para Ninar Menino Grande*. Rio de Janeiro-RJ: Pallas,2022.

EVARISTO, Conceição. *História de Leves Enganos e Parecenças*. Rio de Janeiro-RJ: Malê,2016.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de Mulher*. Rio de Janeiro-RJ: Malê,2016.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de janeiro-RJ: Pallas,2016.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*. Rio de Janeiro-RJ: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. Poemas malungos– cânticos irmãos. Tese (**Doutorado**)– Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo-SP: Paz & Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*.São Paulo-SP: Paz & Terra, 2019.

GOMES, Nilma Lino. *Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira (1980). *Primavera para as rosas negras*. Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanistas, p. 190-214, 2018.

GIL, Carlos Antonio. *Métodos e Técnicas Sociais*. São Paulo-SP: Editora Atlas, 2009.

hooks, bell. *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Boicaiúva Maringolo. São Paulo-SP: Elefante, 2018.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo-SP: WMF- Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. *Olhares Negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo-SP: Elefante, 2019

ITAÚ CULTURAL. *Ocupação Conceição Evaristo*. São Paulo, 2017, 75 páginas.

IMPERATORI, Kristosch Thaís. A Trajetória da Assistência Estudantil na Educação Superior Brasileira. *In. Serviço Social e Sociedade*. São Paulo-SP, n. 129, p. 285-303, maio/ago. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/dRhv5KmwLcXjJf6H6qB7FsP/#>>

JESUS, Carolina Maria de Jesus. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 9ª edição. São Paulo: Ática, 2007.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro-RJ:Cobogó, 2019.

MG, Lusa; T, Martinelli, SA, Soares; TP, Almeida. A universidade pública em tempos de ajustes neoliberais e desmonte de direitos. *In. Revista Katálysis*. Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 536-547, set./dez. 2019. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/rk/a/BLdLLDvkvxvFHRGWNpkMJPbc/?format=pdf&lang=pt>>

MARTINS, Paulo Henrique. Sociologia na América Latina: giros epistemológicos e epistêmicos. *In. Sociedade e Estado*. Brasília, v. 34, n. 3, p. 689-716, set/dez.2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/vWdDWLJhXrYqtRt8BvbdNvh/?format=html&lang=pt>>

MOROSINI, Marília; FELICETTI, Lucia Vera. Estudantes de primeira geração (P-Ger) na educação superior brasileira: analisando os dados da PNS – 2013. *In. Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 75, p. 103-120, mai./jun. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.66841>>

MENDES, Da Silva Carlos Vinícius. Entre Ocupar, Permanecer e Transformar: Reflexões Sobre o Processo de Ocupação do Quilombo-UnB. *In. Revista Três Pontos*, Minas Gerais, v.15, n. 2, p.54-57, jun/2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/14559>>

MIANAYO, De Souza Cecília Maria. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *In. Ciência & Saúde Coletiva* nº 17, v. 3, mar 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMOhNzG5NmpGBtNMff/?lang=pt>>

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. *In. Educação e Pesquisa*, São Paulo v.30, n.02, pp.289-300, maio/ago 2004. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1517-97022004000200007&script=sci_abstract>

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES Fabio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo. Pressupostos para Elaboração de um Relato de Experiência como Conhecimento Científico. *In. Revista Práxis Educacional*, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2178-26792021000500060&script=sci_arttext>

Oficinas Comunitárias na UnB estão com inscrições abertas. UnB Notícias, Brasília, 04 de setembro de 2018. Disponível em: <<http://docca.unb.br/index.php/noticias01/150-oficinas-comunitarias-na-unb-estao-com-inscricoes-abertas>>

NASCIMENTO, Zane & CANTO, Renata. Relatório de Atividade DOCCA - Diretoria de Organizações Comunitárias, Cultura e Arte. *Oficina de Literatura - “Escrevivências: da inspiração à produção na perspectiva de Conceição Evaristo”*, na Universidade de Brasília (UnB), Campus Planaltina(FUP). Brasília-DF 2018.

SANTOS, Mirian Cristina. *Intelectuais Negras: Prosa Negro Contemporânea*. Rio de Janeiro- RJ: Malê, 2018.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO E TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista Natalina Soledad 02/06/2023

1. Como foi o seu primeiro contato com a Oficina Escrevivências?

O meu primeiro contato foi de curiosidade. Eu achei interessante a ideia da oficina e por ser feita pela Hellen, minha amiga do ensino médio, eu decidi conhecer melhor o projeto. Quando cheguei a oficina, compreendi melhor sobre o que seria e isso me fez ter mais interesse no assunto.

2. O que o levou a participar de uma oficina de escrita?

De início, eu não fui pela oficina e da escrita. Eu conhecia a Hellen e vi o convite para a oficina escrevivência, então decidi visitar para compreender como seria. Algumas questões me fizeram continuar, como as reflexões que eram muito interessantes, além das leituras que estavam relacionadas a minha vivência. As meninas falavam muito sobre questões da negritude, mas não de uma maneira triste. Elas falavam sobre de uma maneira mais alegre, tirando o foco do sofrimento. Eu acredito que a oficina trouxe perspectivas felizes sobre a negritude e também sobre as nossas vivências.

3. Como você se sentiu ao longo das atividades? Essa sensação mudou ao longo do percurso das oficinas?

De início eu estava um pouco mais desconfiada sobre o que estava acontecendo. Me sentia curiosa para entender o que seria aquilo, porque eu não tinha entendido muito bem de início o que era a oficina. Depois com o tempo eu fui compreendendo mais e me sentindo ainda mais acolhida, mais pertencente a cada oficina que passava. Eu me sentia acolhida no espaço, e gostava das atividades e das pessoas. Eu me sentia pertencente ao espaço e isso foi muito importante para que eu me sentisse mais integrada nas atividades e para que eu conseguisse fazer as atividades me entregando mais ao que estava acontecendo.

4. Você sabia que ela era organizada por duas estudantes da graduação? Como se sentia em relação a isso?

Sim, eu sabia que era organizada por duas estudantes da graduação. Eu me sentia muito bem por isso e não achei que ela soubessem menos por serem da graduação. Inclusive acredito que isso me fez sentir mais a vontade para estar ali isso porque os pós-graduandos no geral parecem muito distantes da graduação no sentido existe uma hierarquia muito clara na universidade. Estar com pessoas que estavam na mesma etapa que eu foi ótimo para mim. Além disso, eu acredito que a universidade precisa de mais momentos em que o conhecimento é transmitido de forma intuitiva e mais afetuosa. Também acredito que muito mais do que transmitir conhecimentos as experiências de aprendizagem em oficinas e atividades próximas a essas precisam ser muito mais trabalhadas pelos participantes do que ter um conhecimento vindo das pessoas que estão facilitando, então eu acredito que elas serem da graduação foi muito positivo para minha participação.

5. Houve alguma das atividades que tenha marcado mais sua participação na Oficina? Poderia dizer qual foi e porque marcou?

Sim, eu fiz uma atividade na oficina que marcou a minha memória a atividade foi sobre marcar alguns pontos interessantes para serem visitados em São Sebastião. Na verdade, eu não me lembro 100% sobre o que era a atividade, mas eu lembro que estava relacionada a minha cidade e foi muito interessante perceber que na minha cidade tinha muitas coisas legais que eu não tinha muito contato porque eu sempre estava no centro de Brasília, no Plano Piloto, então tudo que eu ia fazer precisava ser ali no Plano Piloto e reconhecer a minha identidade de São Sebastião enquanto uma pessoa que nasceu ali fez muita diferença para mim, pois eu sempre percebi que as pessoas que moravam em Taguatinga e na Ceilândia possuem muita identidade desses locais e eu não tinha tanto, então foi muito interessante ter mais contato e mais acesso e refletir sobre esse assunto.

6. Em uma perspectiva pessoal. O que sua participação na oficina significa em sua trajetória?

Ter participado da oficina me mostrou que existem locais seguros para a gente falar. Locais em que a nossa fala não será interrompida e que pude ser eu mesma e isso foi muito interessante para mim, pois eu não tinha tido até então um local assim dentro da

universidade. E ali no final da minha graduação eu descobri esse local e percebi que existem espaços que a gente pode ser a gente mesmo que a gente pode falar e que nossas experiências são importantes.

7. Você percebeu, ao participar deste projeto, alguma modificação na sua vida? Poderia dizer qual?

A cada momento que passa eu tenho percebido que ser eu mesma e falar o que existe dentro de mim e que expressar o que eu tenho o que eu sinto e o que eu sou é muito importante, pois isso é uma contribuição para o mundo. A oficina de escrevivências foi um desses momentos, pois ali eu não me sentia julgada e as coisas que eu falava fazia sentido e as pessoas ouviam e eu acho que isso é muito importante principalmente na vida de uma mulher negra que não era ouvida em casa então saber que existem esses espaços são muito importantes e eu acredito que a universidade deveria ter mais espaços assim em que a contribuição a troca acontece de maneira verdadeira e recíproca. Nesse sentido eu acredito que sim o projeto teve uma importância nessa percepção de mim mesma e de quem eu sou no mundo.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Entrevista Shirley Paixão 21/06/2023

1. Como foi o seu primeiro contato com a Oficina Escrevivências?

Conheci o projeto através da Zane, quem me fez o primeiro convite.

2. O que o levou a participar de uma oficina de escrita?

Me interessei pelo projeto pois estava conhecendo literatura de mulheres negras e vi como uma ótima oportunidade para me aprofundar, e fiquei mais animada ainda quando vi quem seria as mediadoras das oficinas, acreditava muito no trabalho das meninas.

3. Como você se sentiu ao longo das atividades? Essa sensação mudou ao longo do percurso das oficinas?

Sempre me senti acolhida, os primeiros encontros em Planaltina fazíamos um café da manhã colaborativo e conversamos sobre tudo nesses momentos, era muito importante para aproximar das outras participantes, e a propostas das atividades e a forma como era conduzidas eram muito estimulantes, e por ser um espaço acolhedor e estimulante me sentia confortável em me arriscar, me jogar de cabeça, pode errar, e compartilhar meu pensamento e sentimentos.

4. Você sabia que ela era organizada por duas estudantes da graduação? Como se sentia em relação a isso?

Me sentia confortável, por ser algo que dialogava muito com a minha realidade naquele momento, e conhecia as mediadoras e seus trabalhos de outros espaços e me sentia muito confiante diante das competências delas, sabia que seria um trabalho muito bem feito.

5. Houve alguma das atividades que tenha marcado mais sua participação na Oficina? Poderia dizer qual foi e porque marcou?

Teve dois momentos que me marcaram muito na oficina, primeiro momento foi um dia com uma participação especial com a autora Cristiane Sobral, no dia anterior eu tinha recebido a notícia de falecimento de uma tia distante, minha família estava comovida e eu tinha passado a noite consolando as pessoas próximas a mim, fui dormir naquela noite, no dia seguinte quando o despertador tocou eu levantei pra demorar pois estava com a cabeça cheia e um pouco abatida, mas pensei melhor e vi que seria melhor estar perto de pessoas especiais pra mim naquele momento, e fui ao encontro do projeto, e foi incrível, a autora Cristiane Sobral, suas palavras foram acalanto e me deram forças, ela trouxe a importância de podermos ser aquilo que queremos ser, de poder sonhar, fantasiar e ir além da nossa realidade. E teve um outro momento durante a leitura de um poema da Conceição Evaristo, o poema era sobre o luto de uma mãe, estávamos lendo em voz alta, uma leitura coletiva, e durante os versos reconheci alguns momentos que já vi as mulheres da minha família vivenciando, a dor de perder o filho e fiquei muito sentida, foi uma leitura muito sensível e reconfortante por causa da sensibilidade das mediadoras.

6. Em uma perspectiva pessoal. O que sua participação na oficina significa em sua trajetória?

Significa muito aprendizagem, aprendi a me expressar de diversas formas, que existem sim

espaços seguros para me arriscar, me permitir errar, e procurar melhorar o que já sei pois tem pessoas dispostas abraçar quem eu realmente sou, e valorizar o que eu sei.

7. Você percebeu, ao participar deste projeto, alguma modificação na sua vida?

Poderia dizer qual?

Sim, mudou a forma como vejo a literatura, como valorizo espaços de aprendizagem entre mulheres negras falando sobre mulheres negras, eu vejo com outros olhos essas oportunidades, vejo uma potência que eu não via antes.